

oçô ãna çôka keté; aápe cunhã mucú omehé  
foram-se sua casa para; lá a moça deu

nhaã pirã m'cúra çupé.  
esse peixe raposa á.

M'cúra opuranú mai i m'ena opic'ka  
A raposa perguntou como seu marido pegára

uãna pirã.  
o peixe.

Cunhã mucú ombeú ixupé mai cinimú  
A moça narrou a ella como o sinimbú

omunhãna.  
fez.

Amú ára opé, m'cúra onhehê ximiré çupé:  
Outro dia em, a raposa disse sua mulher a:

— Iaçô iapic'ka pirã, maiaué cinimé  
— Vamos apanhar peixe, como o sinimbú

opic'ka uãna.  
apanhou,

Aitá oçô ãna; uaimí omund'ca tatá, m'cúra  
Elles foram; a velha acendeu fogo, a raposa

opúri pitérape; inti oçaçau quáu; tatá oçaberéca  
saltou meio em; não passar pôde; o fogo saberecando

oikó i piréra; m'cúra oçacéma:  
estava sua pelle; a raposa gritou:

— Uaimí! reruri curute i! Corumú xa manô!  
— Velha! traze depressa agua! Senão eu morro!

Iuaçunára ahé océma quáu.  
Difficilmente ella sahír pôde.

Ahé oc'ka ramé çôca opé, ocenô i  
Ella chegou quando sua casa em, chamou sua

raíra, onhehê ixupé:  
filha, e disse-lhe:

— Reompú ki xii ug m'ena; inti xa putári ahé  
— Toca d'aqui teu marido; não o quero

iké; omuné ãna xa kái!  
aqui; fez com que eu me queimasse!

CeIUCI  
Da velha gulosa

MOMEUACAUA  
lenda

ReCeUARA  
acerca (\*)

A palavra *Ceiuçi* significa a constellação das *Pleíades*, a que o nosso povo chama *sete estrelas*; e significa também — *velha gulosa*, ou *uma fada indígena que vivia perseguida de eterna fome*.

Todos os povos primitivos symbolisaram a luta da vida, na historia de um homem que figurão vencendo trabalhos desde a infancia, e não terminando-os sinão com a velhice. A vida de *Hercules* e as *pergrinações de Ulysses* são a incarnação dessa tendencia do espirito. A historia de *Hercules* ou de *Ulysses*, contada pelas velhas, devia perder muito de sua dignidade, embora no fundo o pensamento permanecesse o mesmo, isto é: um homem batallhando para vencer este terrivel com-

(\*) Foi esta a primeira lenda que eu collegi, e fil-o em 1865, anno em que passei uns quatro mezes nas solidões das cachoeiras da Itaboca, no Tocantins, onde naufraguei, e onde morreram alguns de meus companheiros. A lenda foi-me narrada pelo *tuxiua* dos Anambés, infelizmente em tempo em que eu não fallava ainda a lingua, e em que por tanto, para entender o que elle dizia, necessitava de servir-me de um interprete.

bate da vida, com que todos lutamos em maior ou menor escala.

A historia da velha gulosa é talvez um fragmento desse poema entre os selvagens da America, poema de que nos chega apenas um echo remoto, conservado pela tradição grosseira das avos e das amas de leite.

A lenda supõe um moço perseguido pela insaciavel velha, que o quer devorar. A principio, o amor o salva; depois, elle começa uma longa peregrinação sem descanso, porque, quando quer repousar, ouve nos ares um canto que lle indica a aproximação do voraz inimigo, e, nessa luta, sempre fugindo, elle transpõe toda sua vida, de modo que, quando de novo se recolhe a casa paterna, está já coberto de cans. Não será em fundo um symbolo como o *Hercules* ou *Ulysses*, degradado pela tradição de povos grosseiros?

Como eu espero fazer ainda uma demorada viagem pelos nossos certões, agora que eu conheço não só a lingua geral, mas as fórmulas mais importantes dos dialectos vivos, hei de ainda talvez recolher uma melhor tradição do que esta que eu collegi em 1865 quando apenas comecei meus estudos desta materia.

Curumĩ uacũ, ipahá, opinaitica oikó ãna pirã  
Um moço, contam que, pescando estava peixe

*mítá* arúpi; oúri (Ceicé, uáimí tiára)  
de um mutá de cima; veio (Pleiades, velha gulosa)

opicáitica (\*) pirá igarapé rupi; ahé omahã  
pescando com tarrafa igarapé pelo; ella avistou

curumí uaquú ãnga ipé, opupéca p'cá  
do moço a sombra no fundo, cobriu-a rede

irúmo; inli opuú curumí uaquú. Curumí uaquú  
com; não apanhou o moço. O moço

omahã ramé nhahã, opucá mítá ára cui.  
vio quando aquillo, rio-se do mutá de cima.

Uáimí tiára onhehé: — A'pe será reikó? Reuié  
A velha golosa disse: — Ahí é que estás? Desse

ini keté, ce remiárerú. Curumí uaquú  
cháõ para, meu neto. O moço

oçuaxára: — Ixé tíó! Uáimí onhehé: — Xiá curi  
respondeu: — Eu não! A velha disse: — Olha

xa munú aápe cáua!  
que eu mandarei lá maribondos!

Ahé omunú ãna. Curumí uaquú ipéna iepé  
Ella mandou-os. O moço quebrou um

(\*) *Picá, rede; itica, apanhar; pescar com rede.*  
*Piná, pindá, anzol; itica, apanhar; portanto: pinaitica,*  
*pescar de anzol.*

çacãnga miri; oiucá cáua itá. Uáimí  
ramo pequeno; matou os maribondos. A velha

onhehé: — Reuié, ce remiárerú, curumí xa munú  
disse: — Desce, meu neto, senão eu mando

tucandira.  
tucandira. (\*)

Curumí uaquú intí oié; ahé omunú tucandira  
O moço não desceu; ella mandou tucandiras;

itá: quabá itá ombúri ahé pupé; uáimí oiapi  
estas puzeram-n'o agua em; a velha jogou

picá ahé recé, opupéca reté ahé,  
a tarrafa elle sobre, envolveu-o perfeitamente,

oraçó çóka keté. Ocãka ramé aápe, oxári  
levou-o sua casa para. Chegou quando lá, deixou

curumí uaquú ocára opé, oçó omunhá iepé.  
o moço terreiro no, foi fazer lenha.

Çacaçera oúri embira, onhehé: — Quahá ce  
Atraz della veio a filha, e disse: — Esta minha

ei, oúri ramé cahámunuçáua cui, ombeú mahã  
mã, vem quando caçada da, conta qual é

ximiára ahé oiucá; oii intí ombeú... Tenupá  
a caça que ella matou; hoje não contou... Deixa-me

(\*) Uma especie de formiga, cuja ferroada é dolo-  
rosissima, e póde produzir febre; no sul damos-lhe o  
nome de *çaracútanga*.

xa mahā raī māhāta ahé. Aramé ouimupupéca  
olhar ainda o que é. Então desembrulhou

picá, oxipiá curum: uaçú. Curum: uaçú onhehē  
a rede, e viu o moço. O moço disse-

ixupé:  
lhe:

— Reimimi ixé.  
— Esconde-me

Cunhā mucú ouimimi ahé; omutuúma inuá  
A moça escondeu-o; untou um pilão

iraiti irúmo, opupéca picá irúmo, oxári  
cêra com, embrulhou-o tarrafa com, deixou-o

cenáua opé tenhé.  
lugar no mesmo.

Aramé uáim: ocēma cahá çuí, omundica tatá  
Então a velha sahio mato do, acendeu fogo

mukaē uirpi. Inuá oçacú āna, iraiti  
do muquem em baixo. O pilão esquentando-se, a cêra

oiticú āna; uáim: oçuāti. Tatá oçapi āna  
derreteu-se; a velha aparou. O fogo queimou

picá, ouiquáu āna inuá. Aramé uáim: onhehē  
a tarrafa, appareceu o pilão. Então a velha disse

i embira çupé: — Indé inti remukamehē ramé  
sua filha a: — Tu não mostrares se

ceremiāra, xa iucá curi indé!  
a minha caça, eu matar-te-hei!

Cunhā mucú ocekjēāna, omunú curum: uaçú  
A moça ficou com medo, mandou o moço

munúca uaçahj ráua, omunhā arāma panaçú;  
cortar de uaçahy palmas, fazer para cestos;

nhanhā panaçú itá oierēo arāma opa: çuí  
estes cestos virarem-se para todos animaes

arāma. Uáim: oçōāna çacaçueira, oçka ramé,  
em. A velha foi atrás, chegou quando,

curumiuacú omunú panaçú itá oierēo tapiira,  
o moço mandou os cestos virarem-se em antas,

cuaçú, taiacú, opa: çuu arāma; oierēo uāna.  
veados, porcos, todas as caças em; viraram-se.

Uáim: tiāra oūāna aitá.  
A velha gulosa comeu todos.

Curumiuacú, omahā ramé temiú quaiçra,  
O moço, viu quando a comida pouca,

oiáuānāna; omunhāna matapi mamé oári reŕé,  
fugiu; fez um matapi (·) onde cahiu muito

uahá, pirá. Uáim: oçka ramé ápe, oiké  
que, peixe. A velha chegou quando alli, entrou

(·) Matapí, é uma especie de cercado que os indios  
fazem para apanhar peixe.

matapí pupé. Curumiuacú muçãti iépé maraiã  
do matapí dentro. O moço expontou um de marajã

ãua.  
pão.

Uaimi óu oikó, ramé, pirã, ocutúca  
A velha comendo estava, quando, peixe, elle ferio-a,

ahé, oiaúú uãna. Cunhã mucú onhehé  
e fugio. A moça disse

ixupé:—Recenô ramé oiepé uirá onhegári  
á elle:—Tu ouvires quando um passaro cantar

kankán, kankán, kankán, cê eí uahá  
kan kán, kan kán, kan kán, é minha mãi a qual

intimahã oikó pucú opicêca arãma indé.  
não está longe pegar para voce.

Curumí uacú uatá, uatá, natá.  
O moço andou, andou, andou.

Ahe ocenô ãna ramé: kankán, unhãna,  
Elle ouviu quando: kankán, correu,

ocêka mamé makáka jta omunhã oikó  
chegou onde os macacos fazendo estãvão

ira, onhehé ixupé:—Reiúmini íxé, makáka?  
mel, disse-lhes:— Escondão-me, macacos?

Makáka omunéo ahé oiepé camutí ipórazma  
Os macacos metterão-no de um pote vásio

pupé. Uaimi ocêka, inti nacémo curumí  
dentro. A velha chegou, não encontrou o moço,

uacú, oçacáu tenoné keté. Ariré makáka  
passou adiante para. Depois os macacos

omunú curumí uacú oçó uãna. Curamí uacú  
mandarão o moço ir-se embora. O moço

uatá, uatá, uatá; ocenô: kankán, kankán,  
andou, andou, andou; ouvio: kankán, kankan,

kankán; ahé ocêka curucucú oca opé, oiururé  
kankan; elle chegou do surucucú casa em, pediu-lhe

ixui oiumimí arãma ahé. Curucucú oiumimí  
esconder para elle. O surucucú escondeo-o.  
ãna ahé.

Uaimi ocêka, intimahã uacémo, ocóuãna.  
A velha chegou, não o encontrou, foi-se.

Caárúca ramé curumíuacú ocenô. çurucucú  
De tarde o moço ouviu o surucucú

apurunguetá oikó i xemicó irúmo, omunhã  
conversando estava sua mulher com, fazerem

arãma mukæ, aítá óu arãma curumíuacú.  
para um muquem, elles comerem para o moço.

Aítá omunhã ramé oikó mukæ, onhehenári  
Elles fazendo quando estãvam omuquem, cantou

oiepé makāuā. Curumiauçú onhehé:—Ah! ce ramua  
um makauān. O moço disse: —Ah! meu avô

makāuā, tenupá xa nhehé ne irúmu. » Makauā  
makauan, deixa que eu fallo você com. » O makauan

ocenō, oúri, opuranú:—Māhāta ahé, ce remiärerú?  
ouviu, veiu, e perguntou:—O que é, meu neto? »

Curumiauçú oçuxára : — Aiqué mokōi çurucucú  
O moço respondeu : — Ha dous surucucús

óu putári uahá ixé. Makāuā opuranú mújre  
comer querem que eu. O makauan perguntou quantos

cemutíma tahá orekó? Curumiauçú oçuxára :  
escondrijos elles tinham? O moço respondeu :

—Iepé iunto » Makāuā óu āna mokōi çurucucú.  
—Um somente. » Omakauan comeu os dous sucucucús.

Curumiauçú oiaçáu nhúme çuaxára keté, oiuiantí  
O moço passou do campo banda para, encontrou

iepé tuiúú irúmo, opinaitica oikó pirá, oenē oikó  
um tuiúú com, pescando estava peixe, pondo estava

uaturá pupé. Curumiauçú aiururē ixuí oraçó  
uaturá (.) em. O moço pediu a elle levar

arāma ahé. Tuiúú opinaitica páua ramé āna,  
para elle. O tuiúú de pescar acabou quando,

(\*) Uaturá é um cesto de talas de cannas, cujo  
nome passou para o portuguez.

omunē curumiauçú opúri arāma uaturá pupé, uenēu  
mandou o moço pular para uaturá em, voou

ahé irúmo, oenē ahé mirá uaçú raçōnga recé,  
elle com, poz elle de arvore grande galho sobre,

intí oquáu oraçó ahé tenoné. Iuaté çui curumiauçú  
não pôde leval-o adiante. De cima o moço

omahā iepé óca; oie oçōana. Oçika cupixāua  
viu uma casa; desceu e foi. Chegou da roça

remehipe, ocenō cunhā oiaçáu oikó acuti  
beira na, ouviu uma mulher ralhando estava cutia

irúmo intí arāma óu i maniāca.  
com não para comer sua mandioca.

Cunhā oraçó curumiauçú uaçú çóca keté;  
A mulher levou o moço sua casa para;

oçika ramé aipe, ahé opuranú ixuí: mamé  
chegou quando lá, ella perguntou a elle: onde

çui tahá ahé oúri. Curumiauçú uaçú ombeú  
de que elle vinha. O moço narrou

ōpai mahā, maí ahé oçarú oikó pirá  
todas as cousas, como elle esperando estava peixe

igarapé remehipe, oúri āna uaimē tiāra  
do igarapé margem na, veio a velha gluosa,

oraçó ahé çóca keté, curumiauçú ramé raí  
levou elle sua casa para, menino quando ainda era

ahé. Cuhýre tuiné āna. murutinga i akāga.  
 elle: āgora velho já estava, branca sua cabeça.

Cunhā omanuári cecé. oquāu āna embýra  
 A mulher lembrou-se d'elle, e conhecen que era seu

ahé. Curumî uacú oiké çóca keté.  
 filho. O moço entrou sua casa para.

*Observação sobre as lendas*

Termino aqui a publicação das lendas, apesar de possuir algumas outras, não só zoológicas, como a respeito dos seres sobrenaturaes de que se compõe a mythologia de nossos selvagens.

Creio porém que, com os textos que ahí ficam impressos e traduzidos, attingi em grande parte ao fim pratico que o governo teve em vista com a publicação deste trabalho, que foi, como já disse, o de habilitar á aquelles que por necessidade ou interesse estão em contacto com o selvagem a ensinar-lhes o portuguez fazendo a leitura das lendas nas duas linguas.

Além porém da utilidade practica, ha questões scientificas de grande interesse para o estudo do homem, que serão altamente esclarecidas com o conhecimento dos

textos que constituirão a litteratura tradicional do homem do periodo da idade de pedra, periodo em que se acha actualmente o nosso selvagem, e em que se não encontra o homem em outras regiões do globo.

Como uma ordem dada pelo Exm. Sr. duque de Caxias, ministro da guerra, me facilita os meios de colligir essa litteratura entre os soldados que são indígenas, eu proseguirei no trabalho de colleccional-as, tanto quanto permittirem os outros encargos que me pezam sobre os hombros. Quando eu publicar o Diccionario, cuja confecção já comecci, e que espero terminar no anno vindouro, fal-o-hei seguir de quantos textos novos eu houver alcançado nessas investigações.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

498.12  
M 165A  
V. 1-2

Iané Muruxáua reté Iára D. Pedro Imocóin i çupé

Iára.

Brasileiro itá çuí, Iné nhãhã uahá reiumuróri p̄re opaĩ mahã irúmo omuturuçú quáu iané retãma; aá reçé xa muçangáua quahá livro ioiepeĩ óba Ne rera irúmo.

Ixé xa purauké herundi acaiú pucuçáua rupi ahé reçé. Xa ikô uãna ramé maraári, xa iúmaenduári iarekô uahá çéia iuĩre çéia k̄iũra itá oçáin iané retãma m̄oror̄ima turuçuçáua rupi. Aramé temimutára omunhã catú aitá çupé, iuĩre omuróri Inéue, omehẽ ixébe k̄iũmauçáua umbáua arãma quahá murakécáua.

Iné requáu, Iára, mai ÷uaçú omuhẽ nhehẽnga, míra inti orekô ramé oiepeĩ am̄e oiũquáuãna oiumuençára rupi.

Cuh̄re umbáua ãna; ixé çe rorí, mahareçé xa mehẽ quáu Iné çupé, quahá livro upé, instrumento omungaturú arãma raũra itá iané retãma çuíuára, ocenõĩ arãma aitá Tupõna, iuĩre murakécupé.

Janeiro Iac̄, 1876 acaiú ramé.

Ne remiaçua

Munhangára.

Aquisição por

/ / / Cr.S

N. 23825

## II

Origens, costumes e Região Selvagem

Esta segunda parte é a reprodução da memoria que em 1874 li no Instituto Historico com o titulo de: REGIÃO E RAÇAS SELVAGENS, cuja edição esgotou-se em pouco mais de 3 mezes.

Nesta nova edição eu fiz augmentos e cortes no intuito de melhorar o trabalho, para corresponder ao benevolo acolhimento com que honrou-me o publico não só aqui no Brazil como em algumas partes da Europa.

## O SELVAGEM DO BRAZIL

### I

## O HOMEM AMERICANO

*Apparecimento do homem na terra. Período em que apparece na America o tronco vermelho. Cruzamentos pre-historicos com os brancos. Avaliação de qual era o estado das industrias selvagens pelos usos que faziam do fogo.*

Aquelles que estudam as diversas revoluções por que tem passado a terra, desde o periodo em que fazia parte da grande nebulosa que se decompóz no systema solar, até nossos dias, ficarão convencidos de que os phenomenos que nós denominamos vitæes estão intimamente ligados a taes revoluções.

O homem só podia apparecer nos fins da época ternaria.

As hypotheses sobre a criação do homem, que me parecem mais conformes com a geologia, são:

Como o tronco negro é que melhor supporta o calor; como a marcha do planeta que habitamos tem sido do calor para o frio, e como todos os phenomenos vitæes se ligam á marcha da temperatura, o tronco negro parece que foi o primeiro creado, e devia sê-lo n'a-

quella parte do globo, onde, primeiro do que em outras, a temperatura desceu ao grão que era compativel com o organismo do homem.

Pela mesma serie de comparações creio que o tronco amarello veio depois do preto, o vermelho depois do amarello, e finalmente o branco, que deve ser contemporaneo dos primeiros gelos, foi o ultimo. Julgo tambem que, na ordem do desaparecimento, a natureza ha de proceder pela mesma fórma—o tronco preto ha de desaparecer antes do amarello, e assim successivamente até o branco. Este ha de talvez por sua vez desaparecer tambem no fim do periodo geologico de que somos contemporaneos para, quem sabe, dar lugar ao apparecimento d'uma outra humanidade, tanto mais perfeita e tão distante da actual quanto esta o é dos grandes quadrumanos anthropomorphos que chegaram até nossos dias.

A sciencia, por emquanto, não pôde aceitar estas cousas senão como conjecturas; dia virá em que ellas serão esclarecidas e provadas.

Eu supponho, pois, a actual familia humana dividida em 4 troncos—O terceiro em idade é o vermelho ou americano a que pertencem os selvagens de nossa America.

#### APPARECIMENTO DO TRONCO VERMELHO

Por uma serie de considerações geologicas que eu não posso agora desenvolver por que excedem aos li-

mites do quadro que tracei, parece que o homem americano appareceu primeiro nos altos chapadões ou *araxás* (\*) formados pelas grandes cordilheiras dos Andes, d'onde emigrou para as planicies.

Em que época teve lugar o apparecimento do homem americano?

O estudo comparativo das alturas acima do nivel do mar, entre os *araxás* da America e da Asia, dá os primeiros indicios, que por emquanto ainda não estão confirmados por vestigios fosseis que se hajam descoberto em regiões similares.

O Sr. Liais, em sua recente obra—*Clima, Geologia Fauna, etc., do Brazil*, cita a pag. 240, n. 107, tres factos de vestigios da industria humana em depositos antiquissimos; a elles eu posso acerescentar uma mó de argilla roxa metamorphica durissima, e uma mão de pilão de petrosilex, ambos polidos, que offereci ao Museu Nacional, e que foram encontrados em *cascalhos* que supponho serem quaternarios, d'um dos afluentes do Araguaya.

(\*) A palavra *araxá* é tupi e guarani, vem das duas raizes *ara*, dia e *axá*, ver; dão o nome de araxá á região mais alta de um systema qualquer como sendo a primeira e ultima ferida pelos raios do sol, ou a que por excellencia vê o dia; essa palavra está adoptada no portuguez como nome de lugar: é o nome do mais alto pico da Tijuca, e de uma cidade de Minas; eu o aceiro em falta de vocabulo portuguez que exprima a idéa com a mesma precisão.

Sendo o periodo da pedra polida posterior a outros, e encontrando-se instrumentos de pedra polida nos mais antigos sedimentos da época quaternaria, segue-se que o tronco vermelho é anterior a essa época, visto encontrarem-se, no começo d'ella provas; de que esses homens já tinham vivido anteriormente o tempo necessario para attingirem áquelle periodo.

No entretanto esta alta antiguidade do tronco americano, que o iguala aos mais velhos do mundo, não está ainda aceita geralmente pela sciencia, e é sujeita á objecções, como direi adiante.

Segundo o testemunho de Lyell, os vestigios humanos mais antigos que se hão encontrado na America, indicam a presença do homem no principio da época quaternaria. Esses vestigios não são por certo os mais antigos; estes devem ser encontrados nas regiões mais altas, as quaes até hoje estão inexploradas.

Ainda assim, a antiguidade do homem americano é grande, porque precede ás primeiras emigrações dos Aryas na Europa, e remonta até á data do periodo paleolithico da parte oriental d'aquella região(\*)

A consequencia que resulta d'estes factos é, que o

(\*) *Lyell's Princ. of Geology*—tom. 2.º, pag. 479. London 1872. . . . « porém o estabelecimento da humanidade na America, apesar de ser um facto comparativamente recente, póde remontar até o periodo paleolithico da Europa Oriental. Algumas das ultimas transformações do valle do Mississipi e seus tributarios puderam ter lugar quando já era possível sepultar restos humanos e os de algumas das

homem tinha apparecido na America muitos mil annos antes do descobrimento do continente pelos europeos.

## ANTIGOS CRUZAMENTOS

Tudo nos induz a crer que, ao tempo da descoberta, haviam aqui na America duas raças, uma—que é tronco : a vermelha—cuja existencia remonta, como disse, a muitos mil annos; outras cruzadas com raças brancas.

Um dos cruzamentos com o tronco branco deixou de si documento mais authenticó do que os em que se assenta a historia, e esse documento são milhares de raizes sanscritas que se encontram no Quichua, segundo a comparação feita pelo Sr. Fidel Lopes, de Buenos-Ayres, em sua recente obra—*Raças Aryanas no Perú*; identicos vestigios se encontram em outras linguas, como o demonstra o padre Brasseur de Bourbourg em sua « Grammatica da lingua Quiché, e seus dialectos. »

Existindo nas raças indigenas do Brazil vestigios de antigos cruzamentos com o branco, sobre tudo entre os que fallam a lingua tupi, e não existindo n'esta lingua os vestigios do sanscrito que se encontram no Quichua,

especies de animaes extinctos, e, atravez do periodo d'essas mudanças geographicas, a cadêa dos Andes podia estar ainda prolongada d'esde o Canadá até a Patagonia, facillitando assim o desenvolvimento d'uma só raça d'uma extremidade a outra do continente. »

segue-se que a raça branca aryana, que no tempo dos Yncas cruzou o tronco vermelho do Perú e América Central, não foi a que cruzou com nossos selvagens.

Encontrando-se vestígios de typos cruzados aqui no Brazil, e devendo os selvagens do Brazil ter emigrado para aqui dos *araxás* dos Andes, em periodo muito anterior à vinda dos Yncas, segue-se que o cruzamento que se nota aqui é de data muito mais antiga. O cruzamento ao tempo dos Yncas é um facto comparativamente recente.

Com effeito, os historiadores são accordes em dizer, que a historia dos reis do Perú abrangia um periodo de 400 annos antes da descoberta da America. Laet (\*) um dos mais graves e antigos, diz-nos que Manco Capac, o fundador da dynastia dos Yncas, veio 400 annos antes da descoberta da America. Havendo cerca de 400 annos que a America foi descoberta, segue-se que a historia escripta d'essa familia americana não abrange mais de 800 annos. (\*\*)

(\*). Laet, *Ind. Occid.*, L. 11, cap. 12, pag. 396 — edic. de 1640.

(\*\*). Muitas pessoas estranharam que se pudesse ter conservado uma chronica completa dos reis do Perú por espaço de tão largo periodo, e por isso puzeram em duvida a exactidão d'estas datas. No entretanto é facto hoje verificado que os Quichuas, nome da nação sobre que reinavam os Yncas, podiam formar

Mostrarei adiante o como a lingua, o estado relativo de civilisação, as idéas moraes e religiosas, concorrem para demonstrar estas cousas.

Este cruzamento nos veio das costas occidentaes da America. O outro veio provavelmente pela costa oriental.

O que fica escripto habilita-nos a tirar as duas conclusões seguintes:

1.º O tronco vermelho ou americano é contemporaneo, pelo menos, do periodo paleolithico.

2.º As antigas raças mestiças datam de tempos immemoriaes, havendo talvez muitos mil annos que o sangue do branco cruzou-se com o da primeira india.

A que periodo de civilisação haviam attingido esses homens?

e effectivamente formaram verdadeiros livros, por um methodo de escripta chamada QUIPO, e inventado pelos Tahuantinuyanos, o qual consistia na combinação de fios de diversas côres, com os quaes perpetuavam o pensamento.

O fanatismo mahometano destruiu a bibliotheca de Alexandria. O fanatismo christão veio tambem destruir a bibliotheca dos Yncas.—Aqui vai o texto do notavel documento, que prova esse facto, descoberto o anno atrazado em Lima, e citado pelo Dr. J. F. Nodal em sua *Grammatica da lingua Quichua*, Cuzco, 1872, pag. 95.

*Antiqui verò ab Ethnicis conscripti, propter sermonis elegantiam et proprietatem permittuntur, nulla*

Para mim é fóra de duvida que o selvagem do Brazil estava na idade de pedra, e, differindo essencialmente n'este ponto dos do Perú, não conhecia a arte de fundir os metaes, e nem mesmo os distinguia das pedras, como adiante o mostrarei.

Que vistas foram as da Providencia conservando essa pobre raça em tão grande atrazo e no primeiro degráo por assim dizer da civilisação, enquanto as outras executavam essas arrojadas conquistas da sciencia que fazem o patrimonio de nosso seculo?

Não o sabemos; mas esse facto em nada autorisa uma conclusão em desvantagem d'esta porção da humanidade, porque todos os anthropologistas e, entre elles, o maior dos mestres modernos, o Sr. de Quatrefages, são accordes em que existem raças brancas em estado mais rudimental e barbaro do que os

*amen ratione pueris prolegendi erunt. Et quoniam apud Indos litterarum ignaros pro libris signa quedam ex variis funiculis erant, quos ipsi QUIPOS vocant, atque ex eis non parva superstitionis antiquæ monumenta extant, quibus rituum suorum et ceremoniarum et legum iniquarum memoriam conservant, CURENT EPISCOPI HOEC OMNIA PERNICIOSA INSTRUMENTA PENITUS ABOLERI. Primeiro concilio provincial de Lima, celebrado em Setembro de 1653, cap. 37, secção 3.ª*  
A traducção é a seguinte: « posto que sejam permitidos, pela elegancia e pureza da dicção, os livros que nos foram legados pelos gentios, comtudo se não consentirá que elles sejam lidos pelos meninos.

nossos selvagens, e outras que, por vicios de toda sorte, se degradaram para muito abaixo d'elles.

Essa idade de pedra, pela qual passaram as raças mais adiantadas da humanidade, tem seus periodos que dividiremos assim:

1.º Desde a creação do homem com seus instrumentos e armas de páo quebradas dos troncos, e de pedra lascada, até os instrumentos de pedra polida.

2.º Desde essa idade até a da fundição dos primeiros cylcatos, que deram em resultado a industria ceramica, a qual tão profundas modificações deveu trazer na vida economica da humanidade, permitindo o uso do fogo para cozinhar seus alimentos, industria que foi mais importante para a humanidade n'aquelle tempo do que a descoberta do vapor ou da electricidade o foi para nós.

3.º O que vai da data da fabricação dos primeiros vasos de argilla até a descoberta da arte de fundir o ferro, que deveu ser empregado muito depois do ouro

E por quanto entre os indios, que ignoraram as nossas letras, os livros sejam substituidos por signaes a que os mesmos denominam Quipos, dos quaes ressaltam os monumentos da superstição antiga, nos em que está conservada a memoria de seus ritos, ceremonias, e leis iniquas, POR ISSO, OS BISPOS DEVEM CUIDAR DE QUE TODOS ESSES INSTRUMENTOS PERNICIOSOS SEJAM EXTERMINADOS. »

E assim apagou-se para sempre uma das mais curiosas paginas da historia da humanidade!...

e do cobre, attenta a sua maior difficuldade em ser fundido.

A qual d'estes periodos attingio a civilisação de nossos selvagens? O que era ella em relação ás diversas formas de manifestação da actividade humana?

E' o que passamos a investigar, detendo-nos de principio nas diversas applicações que os selvagens faziam do fogo, o que, além de auxiliar-nos no estudo, porque o uso do fogo é o ponto de partida de todos os periodos de civilisação, será curioso para o leitor remontar comigo a essa vida rude de nossos selvagens, que eu aprendi a conhecer em longas e demoradas viagens no interior.

E' fóra de duvida que todas as tribus do Brazil conheciam e conhecem o uso do fogo.

E' fóra de duvida que todas ellas desconhecem os meios de fundir os metaes; exceptuado isto, applicavam o fogo a variadissimos misteres.

Algumas conhecem a industria ceramica, e outras não. Ha uma grande differença nos habitos e costumes das que conhecem esta industria em comparação das que a não conhecem.

#### O FOGO COMO AUXILIAR DO SELVAGEM

Todas as tribus que eu conheço de vista propria, e aquellas de que tenho noticia por meio da relação e tradição d'essas com as quaes tenho estado, empregam o fogo em diversos misteres e como auxiliar á vida:

1.° Para assar alimentos; este uso é commum a todas.

2.° Para cozinhar alimentos; este costume é peculiar ás tribus que usam de alimentos cozidos, que são unicamente aquellas que, conhecendo a arte ceramica, possuem vasos onde é possível realizar-se esta operação.

3.° Para preparar conservas alimentares pelo processo da moqueação (permittam-me a expressão tupi, porque nós não temos na lingua portugueza um verbo que substitua o *moquear*). Este methodo de preparar conservas de carne, peixe e fructas, que elles conseguem moqueando estas substancias, isto é, submettendo-as a um calor muito lento, porque não se moquea bem uma carne sem o espaço de tres dias, é para elles um recurso preciosissimo, porque, não conhecendo o uso do sal, não teriam meio algum de preservar e fazer conservas de substancias azotadas. D'estas conservas ha uma, o «piraculy» ou farinha de peixe, que goza de grande e merecida reputação; remettida para uma das exposições de Londres, mereceu as honras de ser classificada como a mais perfeita das conservas de peixe.

Uma outra conserva, não menos notavel, é a que fazem da carne do peixe boi por meio do fogo e graxa do mesmo animal, e que é conhecida no Pará sob o nome de *mizira*. Entre conservas de fructos, por meio do fogo, ha a que constitue a deliciosa bebida conhecida em toda a America do Sul, e hoje muito

vulgarisada na Europa debaixo do nome Mauez de — guaraná.

4.° Empregam o fogo para coagular gomas, como a da borracha, que constitue hoje um ramo de commercio que vale de seis a sete mil contos annuaes. Para fundir e condensar resinas, citarei entre outras: a do breu indigena, que é hoje o que eu emprego exclusivamente nos barcos do Araguaya; produzido por uma fusão de cera de abelha e resinas de diversas arvores; é mais duravel do que aquelle que nos vem da Europa.

Com o fogo condensam tambem a resina da massarandubá, que hoje já se exporta com o titulo de *gutta percha*.

Condensam tambem algumas substancias estimulantes, e destinadas a substituir o sal, como seja: o caldo da mandioca, de que preparam uma conserva que vende-se no Pará, e de que fazem alli um grande uso, intitulada *tucupi*.

Preparam tambem por sublimação um veneno acre com que hervam as pontas das flechas, para conseguir com promptidão a morte dos animaes que atacam.

Extrahem tambem, com um processo combinado de fogo e maceração, productos alimentares de certas amendoas, sendo celebres entre estes as famosas bebidas *uassahi* e *bacaba*, celebres não só por serem alimentos de primeira qualidade para pessoas debilitadas por doenças ou idade, como tambem pelo pere-

grino do sabor e perfume, tão delicado que mereceu de um viajante americano o exclamation que: d'essas bebidas, cuja tradição, segundo elle, foi levada pelos phenicios ao velho mundo, nasceu a idéa do nectar e da ambrozia dos gregos.

Uma outra gomma que preparam com o auxilio do fogo, e que constitue um tão poderoso recurso para o regimen alimentar dos enfermos nos extensos valles do Amazonas e seus afluentes, é o amidon da mandioca, com o qual fazem a deliciosa *tapiocuhí* ou farinha de tapioca.

5.° O quinto grande emprego do fogo consiste em utilisal-o para auxiliar a industria de trabalhar a madeira; debaixo d'este ponto de vista, empregam-no para derrihar as grandes arvores de que necessitam para suas embarcações, accendendo junto a seus troncos uma fogueira que em pouco tempo abate os mais altivos; com o fogo abrem-lhe bojo; é assim que fazem as suas canoas ou *ubás*, como as denominam. Com o fogo vergam e espalmam os mesmos troncos de modo a fazer uma canoa muito mais larga do que era o primitivo madeiro; são as que os tupis denominam *ygara*.

6.° Usam do fogo como meio de fundir, ou, melhor, de cozinhar a argilla para preparar vasos de agua (*ygacaba*), urnas funerarias, panellas, estatuas, brinquedos para crianças, assovios para arremedar passaros, etc.

7.º Usam do fogo empregando-o como auxiliar da caça, meio de signal para se darem uns aos outros advertencia ao longe, e para a agricultura. Como auxiliar da caça, porque fazem pequenas queimadas no meio dos campos; os veados (*suassú*), attrahidos pelo cheiro da queimada, procuram-na para lamber a cinza; o indio, que está em um palanque construido em cima de uma arvore, palanque a que elles denominam *mutá*, flecha o veado a seu salvo e sem cançar-se.

Outro auxilio que tiram do fogo para a caçada é o de: — quando os *caetetus* (especie de porcos) e pacas se «entocam», os indios, que não possuem enchadas para desemboscá-los, empregam o meio muito simples de accender fogo na porta e, com um abano de taquara, impellem para dentro a fumaça, de modo que os animaes, quasi asphyxiados dentro, vêm-se forçados a sahir para fóra, onde são apanhados.

Do fogo se auxiliam tambem para poder tirar o mel de certas abelhas bravas, accendendo um facho com que se approximam da colmêa dos *ichú*, *mandaguahy*, *arapua*, *sanharão* e outras, de que nem um europeu ousaria approximar-se.

Como exemplo do auxilio que lhes presta o fogo, servindo-lhes de telegrapho ou meio de fazer signaes, direi: é impossivel chegar ás aldeas dos *Carajás* no Araguaya, mesmo a vapor e de aguas abaixo, e ellas se estendem em uma zona de quasi trinta leguas, sem

que as ultimas aldeas debaixo tenham aviso prévio da chegada do *cotédão*, como elles denominam os vapores; o meio de que se servem é accender fogueiras, esperando hora em que não haja vento, porque a fumaça sobe em columna para o ar.

Quando andam em caçadas servem-se tambem d'esse meio para indicarem o lugar em que está o chefe, porque o costume é o de espalharem-se de dia e reunirem-se á noite para dormir. Não duvido asseverar que elles usam d'estes signaes com certa perfeição, de modo a designarem não só a presença de um chefe, porém qual dos chefes está presente, e affirmo isto porque já se tem dado comigo esse facto mais de uma vez.

Um outro emprego do fogo, como auxiliar da pesca, é o seguinte: á noite os peixes de escama procuram os baxios, para não serem devorados pelos enormes peixes de couro, da familia dos *syllurus*, que n'essa hora procuram de preferencia suas presas. Os indios fazem com madeira rachada de ipé um facho; levam brazas na canôa, e, chegando ao baxio, accendem o facho; é de ver-se o como os peixes começam a saltar e a cahir dentro da canôa, ás vezes em tal abundancia que dentro em pouco tempo a enchem.

Para concluirmos com os diversos partidos que os indios tiram do fogo, como auxiliar da caça e da pesca, eu referirei uma singular caçada a que assisti junto a um lago das margens do Araguaya: Tendo-me encon-

trado com uma partida de *Chambiods* que andavam caçando, segui com elles para um lago que diziam ficava a não muita distancia da margem. Effectivamente lá chegámos com legua e meia de marcha, e elles, depois de verificarem d'onde vinha o vento, prenderam fogo ao campo em semi-circulo, de modo a cercar com o incendio aquella parte do lago em que nos achavamos, para o fim, diziam elles, de caçarmos uma especie de tartarugas de terra firme, pequenas, mas de sabor delicadissimo, que existem em todo valle do Amazonas. Com effeito, esse methodo de caçar com o fogo é excellente, porquanto, apenas o incendio começou a ganhar uma certa extensão, as tartarugas começaram a procurar o lago, onde nós as apanhávamos em abundancia e com grande facilidade; dentro em pouco, porém, de envolta com tartarugas, começaram a vir cobras que, como ellas, vinham procurar no lago um asylo contra o fogo; e as cobras, filhas de jacarés e outros reptis eram tantos que nós os christãos (*tori* nos chamam) subimos sobre arvores, deixando aos *Chambiods* o resto da caçada; e nem elles, familiarizados naturalmente com aquillo, desistiram d'ella senão quando o fogo chegou tão proximo que o calor tornou-se insupportavel; circumstancia em que nos mettemos pela agua á dentro, e atravessámos o lago, conduzindo enormes collares das taes tartarugas presas pelos pés a cipós.

E' com estes e outros engenhosos e faceis meios de

obter caça que se explicam as enormes viagens do capitão-mór Bartholomeu Bueno Anhanguera com duzentas e mais pessoas por esses sertões, sem conduzir provisões. E' o que explica tambem a facilidade com que eu mesmo tenho feito tão longas viagens pelo sertão, conduzindo muita gente e raras vezes sem conduzir outros viveres além de sal, farinha, café e assucar, porque os indios, que sempre levo n'essas expedições, suprem-nos, com rara abundancia, de peixe, caça, mel e quantidade de batatas, a rude, mas sadia mesa do viajante do sertão.

Uma cousa que não deixa de ser curiosa é que os indios, como todos sabem, tiram fogo da madeira, e n'isto parece que elles são inventores originaes d'esse processo, porque, pelo que supponho, os outros povos rudes servem-se para este mister da pedra.

Estó processo de tirar fogo da madeira, qualquer não o póde empregar sem saber o como se faz, e é assim: toma-se um cerne de madeira dura que esteja perfeito no centro, mas que tenha uma camada de alguns oitavos de polegada já poída; faz-se com a unha uma covazinha na madeira já poída, e n'ella colloca-se a extremidade de uma vareta de madeira de cerne bem duro e, tomando esta ultima entre as palmas das mãos, imprime-se-lhe um movimento rotatorio rapido; ao cabo de alguns minutos o fogo prende-se ao pó da madeira poída, communica-se a ella e assim se o accende.

8.º Servem-se do fogo como meio de elevar a temperatura nas noites frias, ou quando estão molhados para enxugarem-se. As nossas tribus sul-americanas, pelo menos as que estão comprehendidas entre o valle do Rio da Prata e do Amazonas, não usam de especie alguma de vestido senão como enfeite; é o fogo que restabelece o equilibrio indispensavel á saude nas mudanças de temperatura, que tão sensiveis devem ser a corpos que não estão protegidos por nenhuma especie de vestimenta. Nas noites de neblina e frio, e as ha bem frias n'esses chapadões de campinas desabrigadas que dividem a bacia do Rio da Prata da do Amazonas, elles accendem grandes fogueiras junto ás quaes se assentam os velhos, contando aos guerreiros as historias das guerras e emigrações da tribu, enquanto os mancebos dançam e cantam em torno d'ellas. Quando dormem em suas redes, nas noites frias, acce<sup>o</sup>em por baixo um fogo, que fica mais ou menos correspondendo á altura do peito.

Empregam tambem o fogo como agente therapeutico nos casos de serem mordidos por animaes peçonhentos, como cobras e arraias; não queimam as chagas como nós fazemos, chegam o membro ferido junto ao fogo, enquanto podem supportar o calor, retiram-no para depois approximal-o de novo até que a dôr seja succedida por uma especie de torpor ou dormencia; eu já fui curado assim por elles.

Com o que levamos narrado vê-se que os indios sul-

americanos, com estes variadissimos usos que fazem do fogo, sabem tirar d'elle pelo menos tanto partido quanto tira o nosso homem do povo, e mais ainda, porque o applicam em misteres, ou desconhecidos do nosso povo, ou que este tem aprendido d'elles.

#### IGNORANCIA DO FOGO

Agora tocarei no seguinte ponto: será exacto, como referem alguns escriptores, entre outros o padre Jaboaão em sua obra o *Orbe Serafico*, que algumas tribus americanas desconheciam o uso do fogo e comiam carnes crúas?

Não é exacto, e tenho para asseveral-o dous fundamentos: pelo que fica exposto vê-se que os indigenas sul-americanos não só conheciam o uso do fogo, como alguns d'elles estavam já no segundo sub-periodo de civilisação primitiva, isto é: n'aquelle em que se emprega o fogo para queimar vasos de argilla.

Ora, não é verosimilhante que, se muitos annos antes da descoberta da America algumas tribus já estavam no segundo sub-periodo da idade de pedra, houvessem algumas ainda no primeiro periodo, isto é, n'aquelle em que o homem não conhece o uso do fogo. D'esses objectos de argilla, que pela posição onde os encontrei, no fundo de um aterro, denotam uma grande antiguidade, trouxe aqui dous, a saber: um é a cabeça de uma estatuazinha de homem; o outro é um assovio para imitar artificialmente o canto do

inanbú, especie de perdiz de excellente carne, que até hoje elles matam, escondendo-se e imitando-lhe o canto, ao qual elle acode no presupposto de ser o de um companheiro.

Sabemos que a familia indigena que mais se estendeu na America do Sul foi a *guarani* ou *tupi*, nomes estes que para mim indicam quasi a mesma cousa. Ora, todas ellas têm a palavra *tatá*, fogo—*tata-ítá*, pedra de fogo ou com que se tira o fogo—*tata-quice*, para exprimir a palavra fuzil. Ora, não é razoavel suppôr a ignorancia da existencia d'um elemento, cujo nome serve de componente d'outros que exprimem objectos proprios para a cada momento reproduzil-o; por tanto tenho para mim que a opinião do padre Jabeatão, Simão de Vasconcellos e outros, é a este respeito sem fundamento.

#### FUNDIÇÃO DE METAES

Examinemos agora uma outra questão para terminar este segundo capitulo: Os indios do Brazil conheciam algum metal?

Não conheciam. Os antigos historiadores referem-nos que quando Solis penetrou no Rio da Prata encontrou os indios de suas margens com objectos d'esse metal.

Encontrei em Matto-Grosso um roteiro d'um filho do capitão-mór João Leite Ortiz, companheiro do Anhan-

guera, o qual refere que os indios *Aráes* traziam ao pescoço pequenas chapas de ouro.

O primeiro facto explica-se pelo contacto em que os indios do Chaco deviam estar com os *Quichuas* e mais nações debaixo do governo dos Yncas que, como é fóra de duvida, conheciam não só a arte de fundir como de moldar e trabalhar o ouro, o cobre e a prata.

O segundo facto explica-se assim: o que os indios traziam ao pescoço eram folhetas d'ouro, taes quaes se ellas encontram na natureza, quando muito batidas. D'este ornato usam até hoje os sertanejos do norte de Goyaz.

Não creio que nossos indios conhecessem a arte de trabalhar nem um metal, pelas seguintes razões:

Porque, todos os outros elementos indicam que elles estavam ainda em um periodo de civilisação mais atrasado do que aquelle que suppõe a arte de fundir os metaes;

Porque, tendo eu estado em cõntacto com tribus das mesmas regiões nunca encontrei entre ellas o menor vestigio de metaes;

Porque, tendo eu feito e mandado fazer escavações em antigos cemiterios indigenas, e encontrando quasi todos os objectos de pedra ou argilla de que elles se serviam, nunca encontrei nem soube que ninguem encontrasse objecto algum de metal como seria tão natural, e como succede nos tumulos dos *Quichuas*, dos

*Asteques e d'outras tribus que attingiram a um grão de civilisação mais elevado.*

Porque, finalmente, a lingua tupí, de todas a mais adiantada entre as brazileiras, confunde a idéa de metal com a de pedra; é assim que os metaes que viram em nosso poder, ou objectos de metal, elles o traduziram para sua lingua por palavras, cuja radical era pedra: ouro, elles traduziram por *ita-jubá* (ou pedra amarella); ferro, *Ita-una* (ou pedra preta); prata, *ita-tinga* (ou pedra branca); cobre, *ita-juba rana* (ou pedra de amarello falso); os objectos que são entre nós necessariamente de metal, tem a mesma radical *ita* em sua traducção; por exemplo: faca, *ita quice*; sino, espada, *ita nhaen*, *ita tacape*.

Ora, é muito natural que em linguas de tão facéis transmutações de vocabulos, como são estas e em geral todas as que como ella estão ainda no periodo de aglutinação, digo, é muito natural que, si os indios tivessem dos metaes uma idéa distincta da pedra, tivessem para expressal-a um vocabulo que não fosse aquelle pelo qual se exprime essa idéa.

A' vista de quanto fica exposto eu concludo:

A grande familia sul-americana, excepto a familia mestiça que esteve debaixo da influencia dos Yncas, havia attingido o periodo da civilisação denominado:

**IDADE DA PEDRA POLIDA.**

Encontram-se no Brazil vestigios de um periodo de civilisação anterior a este? Ha instrumentos que deno-

tem que nossos selvagens hajam passado pelo periodo de civilisação intitulado —IDADE DA PEDRA LASCADA? Nossos selvagens, que já eram agricultores, não tinham sido pastores; como explicar estes factos?

Estudaremos essas questões no capitulo seguinte.

## II

### O HOMEM NO BRASIL

*Periodo em que se deu a primeira emigração para o Brazil, avaliado pela falta de instrumentos de pedra lascada.—Periodo pastoril.—Ausencia de monumentos.—Periodo geologico em que se encontram vestigios humanos no Brazil.*

Concluimos o capitulo precedente, assignalando o facto de que todos os selvagens do Brazil haviam chegado à idade da pedra polida.

Passamos agora a assignalar dous factos que nos parecem de importancia, e que, ou não hão sido notados pelos escriptores que se tem occupado da ethnographia do Brazil, ou não tem ligado a elles a importancia que nós lhe attribuimos. Queremos fallar: primeiro, da ausencia de instrumentos ou vestigios demonstrativos de que nossos selvagens hajam passado pelo periodo de civilisação que importa o uso de instrumentos de pedra lascada; segundo, que elles hajam chegado a ser agricultores sem haverem sido pastores. Estes

factos vão, quanto a mim, lançar não pequena luz respeito ao periodo em que o Brazil recebeu seus primeiros povoadores. Analyseemos os factos.

#### FALTA DE INSTRUMENTOS DE PEDRA LASCADA

A anthropologia demonstra que o homem physico passou sempre de um periodo mais atrazado para um mais adiantado; a historia demonstra a mesma cousa a respeito do homem moral. Toda raça que é encontrada no periodo em que usa de metaes teve sua idade de pedra. Toda que é encontrada com instrumentos de pedra polida teve seu periodo de instrumentos de pedra lascada.

São de pedra polida e não de pedra lascada, todos ou quasi todos os instrumentos de nossa rica collecção do Museo.

Certamente que a raça ou raças selvagens do Brazil passaram por esse periodo da pedra lascada; qual a razão, pois, por que não se encontram vestigios d'essa idade, tendo-se aliás encontrado de outras em lugares que deviam preservar perfeitamente tudo, como é o fundo dos grandes e antiquissimos aterros que existem nas provincias do Pará e Matto-Grosso?

Se bem que instrumentos d'esses, se existissem, não teriam escapado á observação de homens da força de Humboldt, Martius, Saint-Hilaire, Castelnau, Hartt, Liais e outros, comtudo, como eu não havia ainda visitado museu algum onde existissem collecções de instrumentos d'esse periodo, julguei que a pedra las-

cada pelo homem para seus usos grosseiros, devendo differir muito pouco da que o fosse casualmente, não podia despertar a attenção dos brazileiros do interior, que são ordinariamente os que colligem os instrumentos antigos dos indios, de cujas mãos os recebem os viajantes.

Tive, porém, occasião de vér em 1873 uma collecção de instrumentos de pedra lascada dos selvagens da França, pertencente a S. M. o Imperador.

A vista d'esses objectos encheu a principio o meu espirito de duvidas, fazendo-me claramente comprehender, que era falsa a razão, que até então me havia parecido verdadeira, para explicar a não existencia de taes objectos nas collecções, que se hão feito de instrumentos de nossos selvagens. Com effeito, se bem que taes instrumentos indiquem a mais rudimental infancia da arte, comtudo, é impossivel examinal-os sem reconhecer que foram lascados por um ser intelligente; é assim, por exemplo, que as partes destinadas a cortar abrem-se e espalmam-se á proporção que se contraem, e ao mesmo tempo se engrossam aquellas que são destinadas a ser empunhadas; em muitas o corte descreve um arco de circulo, e revela-se já, no grosseiro instrumento, a fórma dos cortes dos machados de aço fundido que a raça branca inventou muito depois de conhecer o uso do ferro. Estas e outras particularidades indicam por parte do fabricante do instrumento a intuição de leis mechanicas que é partilha

exclusiva da humanidade, e impediriam ao observador de confundir os instrumentos de pedra lascada com as pedras que casualmente o fossem, ou por effeito de phenomenos naturaes, ou pela acção não intencional do homem.

Portanto, se taes instrumentos não são encontrados, ou são-no mui raramente, é porque são rarissimos.

Não se pôde suppôr que o nosso selvagem fosse uma excepção de regra, que até o presente não a tem encontrado na familia humana.

A unica explicação que ha para esse facto é que o Brazil só possuiu os seus selvagens por via de emigração, e que esta deveu ter tido lugar depois que esses homens haviam transposto em outra região o primeiro periodo da civilisação ou barbaria humana.

Esta prova é robustecida por uma outra deduzida tambem de instrumentos de pedra, e é a seguinte:

Na provincia de Matto-Grosso existem á margem do Cuyabá e do Paraguay grandes aterros feitos pelos antigos indigenas com o fim de, elevando o solo acima do nível das maiores enchentes, tornarem habitavel uma região de sua natureza baixa e que, portanto, se cobre de agua durante a estação pluvial. Entre os aterros do rio Cuyabá, citarei o que deu o nome ao furo do Bananal, e que é especialmente notavel por seu tamanho, e pelo trabalho que devia ter custado a homens que nem conheciam o uso do ferro para preparar objectos, onde pudessem carregar a terra, e nem

Pag. 29

eram auxiliados por nenhum animal de transporte, como o eram os peruanos com o *guanaco*, a *lhama*, e talvez a *vicunha* e a *alpaca*.

Em a bacia do Amazonas conhecem-se numerosos d'esses aterros, e alguns d'elles, talvez os mais notaveis, na ilha de Marajó, onde entre outros ha um que é uma ilha artificial dentro do lago Arary. Esses aterros, mais ou menos extensos, affectam por vezes formas de animaes: ha um no centro de Marajó, sobre o qual já eu passei, que affecta a forma de um jacaré colossal, sobre cujo dorso deveu viver outr'ora uma tribu inteira, e que serve ainda hoje para lugar de construcção de casas dos fazendeiros de gado e seus vaqueiros que habitam aquella região, que se cobre de agua durante as cheias do Amazonas.

Considerando-se que as regiões onde elles existem são alagadiças em muitas dezenas de leguas; que, se as tribus eram errantes e nomades, as guerras em que andavam continuamente umas com outras, as deviam impedir de alargarem-se por muitas leguas d'essas regiões, vò-se que elles, desde que occuparam taes regiões começaram esses aterros, sem os quaes seria impossivel explicar sua existencia durante a estação pluvial em lugares que se convertem em verdadeiros mares mediterraneos.

Portanto, o principio de taes aterros é mais ou menos contemporaneo da occupação d'essas regiões pelos selvagens.

Pois bem, no fundo d'esses aterros encontram-se as mais antigas urnas funerarias, sem comparação mais grosseiras, tanto pelo preparo da argilla como pela estructura e labores, do que aquellas que se encontram nas camadas medias e superiores.

Se os principios de taes aterros são contemporaneos mais ou menos da povoação d'essas regiões, o estado de civilisação que elles indicarem será o estado de civilisação dos selvagens quando para ahi emigraram. Dentro d'essas urnas encontram-se não só instrumentos como ornatos de pedra polida, a que no Pará chamam *itan*, além de que a propria urna funeraria, de argilla cozida, indica só por si um periodo de civilisação mais adiantado do que o da pedra lascada.

Portanto, quando esses selvagens emigraram para essas regiões, já haviam transposto aquelle periodo de civilisação.

Não é só n'este genero de industria que os vestigios de nossos selvagens indicam uma solução de continuidade entre o periodo de civilisação em que os encontramos e os periodos de civilisação que deviam ter percorrido antes de chegar a esse.

Vamos mostrar a ausencia no selvagem do Brazil d'um periodo não menos importante do que aquelle cuja falta vimos de assignalar, isto é : a do

#### PERIODO PASTORIL

A philosophia e a historia ensinam, que o homem

em relação a industria alimentar foi primeiramente caçador e pescador, depois pastor, e só depois de haver percorrido esses dous periodos é que foi agricultor.

A agricultura supõe habitos de vida sedentaria, e usos que excluem grande parte da primitiva barbaria do homem.

E' fóra de duvida, que nossos selvagens eram já agricultores muitos annos antes da descoberta da America.

Fallei acima dos grandes aterros da bacia do Paraguay e do Amazonas. Esses aterros conservam ainda vivos os testemunhos de sua agricultura porque são povoados de bananeiras (pacova é o nome tupi de que fizemos pacova nome pelo qual a fructa é conhecida em todo norte).

Em uma fazenda de Marajós que pertenceu ao Sr. senador Leitão da Cunha e que é hoje propriedade do meu amigo o Dr. J. J. de Assis, existe uma grande plantação de cajueiros seculares que deu o nome á fazenda, o qual cajual foi plantado, muitos annos antes da descoberta da America, pelos *Aruans*, tribu que habitaram outr'ora a face da ilha de Marajó que fica contra o oceano.

Os viajantes antigos e modernos attestam todos a existencia da arte da agricultura mais ou menos desenvolvida entre os selvagens.

Eu tenho estado em aldéas que nenhum contacto tem tido com a raça conquistadora nos sertões do Ara-

guaya; tenho conversado com chefes indigenas, entre outros o dos *Cahiapós* de nome *Manahó*, que me dão noticias dos indios da bacia do Xingú, inteiramente desconhecidos de nós; quer pela vista, quer pelas relações ouvidas, todos esses indios cultivam, entre outras, as seguintes plantas: a mandioca, cujo conhecimento attribuem á revelação sobrenatural, assim como os «Aryas» attribuem a um Deus o conhecimento do trigo; cultivam a bananeira, o cará, e diversas especies de batatas e tuberculos farinaceos que são poderosos auxiliares de seu regimen alimentar, e cultivam e fiam o algodão, que propagou-se mesmo nas tribus que não tiveram ainda contacto com a raça conquistadora.

D'elles aprendemos nós a cultura de algumas d'essas plantas, assim como do cacáo, tão importante hoje como artigo de exportação. Ainda é cultivado exclusivamente por elles aquella planta mais rica em theina do que o chá e o café, com cuja baga preparam os pães de guaraná, tornando-se a tribu dos *Mauéz*, que habita o valle do Tapajós, famosa entre as outras pela excellencia d'este producto, que começa hoje a ser notado nos mercados europêos.

Não conheciam só os rudimentos da agricultura; as primeiras intuições de chimica já lhes tinham apparecido; foi d'elles que aprendemos esse processo de adubar o solo por meio de queimadas, processo destruidor e barbaro, não duvido, mas com o qual temos

enriquecido, sem o qual seria talvez impossivel a agricultura em nossas mattas, e que ainda é o mais geral em todo o Brazil.

Sabiam tambem extrahir alguns principios simplicies das plantas, entre os quaes a «tapioca».

Conheciam processos de fermentação, pelos quaes preparavam excellentes conservas alimentares e proprias para estomagos enfraquecidos pela acção de miasmas paludosos; entre outras, citarei os bolos de «carimã», com os quaes quasi todos nós fomos alimentados durante o periodo de nossa infancia.

Portanto, tinham não só attingido ao periodo de agricultura, mas já não estavam muito na infancia, e prova-o o termos nós adoptado muitos dos seus processos, que, se não são os mais conformes com a chimica agricola, são os mais faceis, e portanto os mais praticos para nós, dadas as circumstancias em que nos achamos.

No entretanto, não ha o menor vestigio de que esses homens tenham sido pastores, nem mesmo que tenham domesticado uma só especie zoologica brazileira, para ser sua companheira na vida sedentaria que deviam levar aquellas tribus que se tinham mais detidamente entregue á agricultura.

Quando eu li esta parte da «Memoria» no Instituto Historico foi suscitada a seguinte objecção, cuja difficuldade eu não dissimulo:

Os selvagens do Brazil não foram pastores porque

as espécies zoológicas da região que habitavam se não prestavam a isso.

Se o argumento da falta do período pastoril fosse isolado, no intuito de demonstrar a população do Brazil posterior a esse período, eu cederia d'elle, porque não posso desconhecer que a justeza d'essa observação lhe tira em grande parte a força; mas não é isolado; já mostrei atrás que esta irregularidade apparente na marcha da civilização indigena manifesta-se também pela ausencia do período da pedra lascada; por esse motivo me parece que a ausencia do período pastoril merece, não obstante a escassez de familias domesticaveis, ser tomada em consideração.

Certamente que não temos no Brazil uma só familia que possa ser equiparada ao boi, ao carneiro e ao cavallo, preciosos companheiros das raças do velho mundo. Mas temos familias equiparaveis ao porco, ao gato, ao cão, á gallinha. O *queichadé*, o *maracájá*, o *quara* ou lobo, o *mutun* e o *jicú* seriam sem duvida alguma espécies domesticaveis se alguma causa, cuja existencia suspeitamos, mas que por ora não podemos determinar qual seja, o não houvesse obstado.

Isto me parece tanto mais verdadeiro, quando é certo que os indios do Perú domesticaram a *llama*, o *guanaco*, a *vicunha*, o *gato* e alguns outros animais de habitos não menos selvagens no estado de natureza do que os de que eu fallei acima.

Uma outra consideração, que concorre para robustecer esta interpretação do facto, é o gosto singular que têm nossos selvagens pela presença de animais em suas aldeas.

Quem visita uma aldeia selvagem visita quasi que um museu vivo de zoologia da região em que está a aldeia: araras, papagaios de todos os tamanhos e cores, macacos de diversas espécies, porcos, quatys, mutuns, veados, avestruzes, seriemas e até sycurijús, giboyas e jacarés, eu já tenho visto n'essas aldeas alimentados pelos selvagens com acurada paciencia. O *cherimbabo* do indio (o animal que elle cria) é quasi uma pessoa de sua familia. Tudo isto concorre para indicar que, se a familia selvagem do Brazil não havia domesticado uma só especie, não era por uma aversão á arte de domesticar, e sim por outra causa.

#### AUSENCIA DE MONUMENTOS

Assim como não encontramos o período da pedra lascada e o período pastoril, factos que nos levam, sobre tudo o primeiro, a concluir que a povoação do Brazil foi posterior a elles, assim também não encontramos monumentos.

Dir-se-ha que nossos selvagens não haviam attingido ao estado de civilização necessario para taes creações. Não é assim; os povos mais barbaros os tem erguido.

Nas outras nações da America, e nomeadamente no Perú, elevam-se ainda hoje soberbas ruinas: se os sel-

vagens do Brazil não attingiram a civilização dos do Perú, não estavam, contudo, tão afastados que não podessem ter attestado a sua presença por monumentos, embora mais grosseiros do que os dos peruanos, mas em todo caso consideraveis.

*Sambaqui*  
 Não os ha em parte alguma do Brazil, á excepção dos aterros das bacias do Paraguay e do Amazonas; nota-se n'elles escassez de restos animaes que deviam existir em grande quantidade, porque, como é sabido, esses homens, que se nutriam especialmente de animaes vertebrados, deviam ter deixado depositos immensos.

Nem um viajante que eu saiba mencionou até o presente uma só construcção indigena antiga. Eu creio que sou o primeiro que dá noticia de uma, e é uma especie de forte circular de terra que existe na ilha de Marajó, na citada fazenda dos Cajueiros, propriedade do Dr. Joaquim José de Assis. Esse monumento, porém, é evidentemente contemporaneo ou posterior aos aterros da mesma ilha.

PERIODO GEOLOGICO A QUE CORRESPONDEM OS MAIS ANTIGOS VESTIGIOS HUMANOS NO BRAZIL

Em sua recente e importante obra: — CLIMAS, GEOLOGIA E FAUNA NO BRAZIL, — o Sr. Liais pretende que se encontram provas da presença do homem no Brazil durante os primeiros tempos da época quaternaria.

A este respeito diz elle a pag. 240 n. 107:  
 • O deposito quaternario de seixos rolados ou cascalho do Brazil, que comprehende, como acabamos de vê-lo, os depositos auríferos e diamantinos do Brazil, não é desprovido de traços da industria humana primitiva. N'elles se encontram machados de pedra em tudo semelhantes aos de silex dos depositos quaternarios da França, com a differença unica de que são feitos de um diorito granitoide, e de serem imperfeitamente polidos. No sitio Lavra, fazenda de Casa Branca, proxima ao Rio das Velhas, encontraram-se machados e pilões de pedra, e um vaso de argilla muito grosseiros, de paredes excessivamente espessas, jazendo no meio de depositos de cascalho aurifero. M. Helmreich assignalou em depositos diamantinos, ao pé da Diamantina, dardos ou pontas de flecha, dous de quartzo e um de petrosilex. Nas notas deixadas por Mr. Clausen respeito a um animal de especie extincta, enviado por este viajante do Brazil para o museu de Paris, lê-se: «Apenas uma vez encontrei entre os ossos de um animal de especie extincta, *Platyon Cuvierii*, fragmentos de louça, cobertos de uma crosta delgada de stalagnite. O terreno não parecia ter sido revolvido. Resulta evidentemente d'este facto a contemporaneidade do homem e d'este animal que só se encontra nos depositos antigos da época quaternaria. Craneos humanos foram descobertos pelo Dr. Lund nas cavernas do Brazil; mas, tendo sido taes depositos revolvidos

pela agua, elle não ousava affirmar a contemporaneidade do homem no Brazil com os animaes de especies extinctas, no meio dos quaes elle encontrou os crâneos.

Não ha negar que estes factos seriam provas irrespondiveis, si a idade dos terrenos em que foram encontrados fosse determinada pelos autores que os citam por propria inspecção visual e immediata dos — *cascalhos*.

A este respeito eu me animo a oppôr duvida, porque o dito de um mineiro, que affirma ter encontrado taes objectos em um cascalho diamantino ou aurifero, não importa que esse objecto tenha sido encontrado em depósito quaternario.

Eu sou filho de um districto diamantino; conheço os depositos de cascalho da Diamantina, na bacia do Jequitinhonha, do Abaeté, na do S. Francisco, da Bagagem na provincia de Minas, do Verissimo, Pilões, Rio Claro e Cayapósinho na de Goyaz; do Passa-Vinte, Barreiro, Rio das Garças, Caxoeirinha, em Matto-Grosso. Em todos estes lugares os mesmos trabalhadores de diamantes distinguem esses depositos em tres camadas, que indicam idades diversas, e, para servirmo-nos dos nomes que elles empregam, os chamaremos: *cascalho virgem*, o mais antigo; *pururuca*, o mais recente e de formação contemporanea; e *corrido*, o deposito intermediario entre a pururuca e o virgem.

D'estes depositos só o primeiro parece ser antigo, e

é a elle sem duvida que o illustre naturalista assigna a velha origem contemporanea das primeiras revoluções da época quaternaria; sendo todos estes depositos designados pelos mineradores com o nome generico de cascalho, o elles dizerem que um machado de pedra ou resto de louça foi encontrado entre o cascalho, não importa de fórma alguma o ter o objecto sido encontrado em um deposito quaternario, se a especie de cascalho não fór examinada pelo naturalista de modo a poder assignar-lhe a idade.

Faço esta reflexão porque já se deu comigo o seguinte facto: Em 1871 remetteram-me á Leopoldina uma mó de argilla petrificada roxa e uma mão de pilão de *petrosilex*, objectos que se acham hoje no museu nacional, remettidos com outros pelo Sr. C. José Agostinho, que me havia pedido que lhe enviasse com aquelle destino quanto eu encontrasse em minhas viagens que pudesse interessar ás sciencias naturaes, Dizia-me o Sr. capitão Gomes Pinheiro que esses objectos foram encontrados em cascalho diamantino do rio Cahiapó. Verifiquei depois que o cascalho em questão não era virgem, e fiquei na impossibilidade de julgar da idade do deposito.

Quanto aos cacos de louça achados no terreno, em o qual encontrou-se tambem o *Platyonix Cuvierii* remettido ao Museu de Paris pelo Sr. Clausen, sem duvida nenhuma que demonstram a contemporaneidade do homem com esse animal da época quaternaria, se o

terreno não foi revolvido e o animal ou os fragmentos de louça conduzidos para ahí por uma corrente ou qualquer outra causa, visto como o envolvero de stalagnite que os cobre, podendo ser contemporaneo, não é garantia sufficiente de que esses objectos tenham sido encontrados juntos pelo facto de serem contemporaneos.

Me parece, que não se pôde por agora admittir uma tão remota e antiga presença do homem no Brasil sem muita reserva, sobre tudo quando, pelos factos precedentes, mostrarmos que essa mesma raça já tinha vivido em outra região o tempo necessario para transpôr os primeiros periodos de barbaria.

A sciencia ainda não descobriu meio preciso de converter em calculo de tempo os periodos geologicos. John Philips diz-nos que, tomando por base do calculo o tempo que um rio dos periodos modernos gastaria para accumular sedimentos, os do carvão de pedra de South Wales na Inglaterra teriam exigido o enorme espaço de quinhentos mil annos (4.)

Se assim é para um periodo comparativamente curto, qual não será o largo espaço de milhares de annos que já decorre da data do apparecimento do homem no Brasil até nossos dias, suppondo que elle aqui appareceu no principio da época quaternaria?

(4) On the whole, then, I have concluded that half a million of years may probably have elapsed during the growth of the precious deposits of the coal formation. John Phillips, *A. Guide to geology*—London—1854.

Embora seja por enquanto impossivel conhecer com precisão o espaço de tempo que decorreu do apparecimento do homem no Brasil até nossos dias, contudo parece fóra de duvida que há mais de cem mil annos que elle aqui existe, tendo-se em consideração que os sedimentos da época quaternaria deviam ter consumido muito mais tempo do que isso para serem depositados.

Contando-se o tempo pela viua dos patriarchas tal qual ella foi escripta por Moisés, Adão e Eva não existiram a mais de cinco mil annos. Os textos do Velho Testamento hebraico devem ser revistos porque, pela forma por que estão traduzidos, elles envolvem um erro que destroe pelos fundamentos toda a theoria da revelação immediata, do peccado original, e da redempção; por que, assentando-se todas ellas no facto da criação daquella familia á cinco mil annos, fica a revelação destruida com a existencia de gerações humanas por muitos milhares de annos antes de Adão e Eva, povoando já todos os valles da terra, inclusive os da America (5).

(5) « Cuvier tinha declarado muitas vezes que o homem fossil não existia e nem podia existir; na época presente sabemos que elle é encontrado em toda parte onde se o procura.

Tem-se descoberto traços do homem até nas épocas terciarias modernas e talvez nas eocenes. Elle vivia não só com o urso das cavernas, e com o mammoth, mas foi contemporaneo do Mastodonte, do Dinotherium,

## III

## LINGUAS

*Classificação das tribus pelas linguas. Classificação morphologica das linguas americanas no grupo das turanas. Classificação segundo a estructura interna das linguas em dous grupos. Grupos das Aryanas. Grupo das linguas Tupis e sua extensão. Indole das linguas deste grupo. Bibliographia do Tupi, e do Quichua.*

Leibnitz, em uma carta ao padre Verjus, dizia: julgo que nada serve tanto para se poder bem julgar da afinidade dos povos como as linguas. O grande philosopho tinha razão.

Como veremos no capitulo seguinte as raças aborigenes do Brasil apresentam dous typos: um primitivo, e outros cruzados com raças brancas que deverão ter aportado á America muitos centos de annos antes da descoberta della por Christovão Colombo.

e do Halitherium; quanto mais antigos são os vestigios humanos que encontramos tanto mais indicam nelle sociabilidade e intelligencia rudimentares. Clemence Royer, *preface de la troisième édition de Darwin, Origine des especes*, Paris 1870.

As pessoas que se quizerem inteirar da antiguidade do homem sobre a terra podem ler com grande proveito, entre outras, as duas seguintes monographias: de Nadillac, *Ancienneté de l'Homme*, e o celebre Lyell, *Antiquity of Man*.

Além de caracteres physicos que demonstram este cruzamento, ha um outro vestigio irrecusavel: é a presença de numerosas raizes sanscritas em certas linguas da America.

Como para a classificação das raças os vestigios deixados pelas linguas sejam documentos de incontavel valor, antes de entrar naquella classificação, vamos estudar a das linguas americanas, assim como os factos que se prendem a taes linguas, e que elucidam mais de um ponto obscuro de ethnographia.

## CLASSIFICAÇÃO MORPHOLOGICA

Sendo a linguistica uma sciencia muito recente, seja-me licito entrar rapidamente em algumas generalidades que concorrerão para tornar mais claro este assumpto de classificação.

O notavel professor inglez o Sr. Max Muller, seguindo as immortaes pegadas da *Grammatica comparada* de Bop, classificou todas as linguas humanas em tres grandes secções: linguas *monosyllabicas*, linguas de *aglutinação*, e linguas de *flexão*.

São monosyllabicas aquellas em que cada syllaba tem um significado.

São de aglutinação aquellas em que as raizes primitivas, as monosyllabicas, tem em grande parte perdido o seu significado quando isoladas, mas que adquirem um desde que entram em composição com outra raiz.

É neste tronco que devem ser classificadas as nossas línguas americanas, e o seu typo é a lingua turana.

São línguas de flexão aquellas em que as raizes já totalmente se perderam, de modo que o pensamento nunca pôde ser expresso senão por meio de nomes de maior ou menor numero de syllabas, mas que não são uma raiz. O sanscrito e o hebraico são typos nesta familia, á que pertencem tambem o portuguez e as línguas européas.

Esta classificação, denominada morphologica porque limita-se a fórma externa, a apparencia da lingua, se nos é licito expressarmos assim, significa apenas maior ou menor gráo de adiantamento de uma lingua; não indica de modo algum qualquer gráo de parentesco entre ellas.

Quando a anthropologia estiver mais adiantada, a linguistica, sua filha primogenita, ha de fixar regras de uma classificação mais profunda das línguas, e muito provavelmente esta classificação, partindo de caracteres mais intimos do que a sua fórma externa, ha de auxiliar a classificação das familias humanas e vice-versa: esta hade por sua vez auxiliar a das línguas.

A anthropologia já tem progredido hoje bastante para poder affirmar, que no mundo intellectual não existem factos isolados, assim como não os ha no mundo physico.

Assim como hoje se sabe que o crystal de qualquer

mineral não podia ser formado na mesma época em que se geraram os vegetaes ou animaes nossos contemporaneos, assim tambem se hade saber que as línguas neste ou naquelle estado, as idéas religiosas e moraes em maior ou menor gráo de perfeição, pertencem a periodos de desenvolvimento intellectual onde tudo se encadêa, se harmonisa e é relativo, como o são os objectos e phenomenos physicos nos grandes periodos geologicos.

Se a classificação das línguas pela sua fórma externa não indica gráo algum de parentesco com a familia em que ella é classificada, e indica pura e simplesmente o periodo de desenvolvimento em que se acha, o facto de classificar-se o tupí ou guaraní no grupo de línguas turanas, não quer dizer que elle tenha o menor gráo de parentesco com línguas asiaticas; indica apenas seu estado de desenvolvimento no periodo em que nós a encontramos.

#### DOUS GRANDES GRUPOS NAS LINGUAS SUL AMERICANAS

Supposto que as línguas americanas tenham todas chegado ao 2.º periodo de desenvolvimento — o de aglutinação, resta saber qual o gráo de parentesco que ellas têm ente si.

Os estudos comparados respeito ás línguas americanas estão apenas começando agora, e muitos annos decorrerão antes de esclarecer-se completamente este assumpto.

Empregando o methodo naturalista, que não deixa de fazer as grandes divisões pelo facto de não ter dados para fazer as pequenas, propomos que se adopte a seguinte classificação:

de a gluti  
1.º grupo: linguas aryanas, ou aquellas que contendo centenaes ou milhares de vocabulos sanscritos, indicam um cruzamento entre os indios da America e aquella grande familia branca: o *quichua*, que era a lingua fallada pelos Yncas, seja o typo predominante d'esta grande divisão, na qual se virá agrupar mais tarde uma outra grande lingua, a saber: o *quiché* com seus dialectos o *chaque-chiquel* e o *zutuil* que, segundo o demonstra o padre Brasseur de Bourbourg, são parentas proximas de linguas europeas aryanas.

2.º grupo: linguas geraes não aryanas. N'este grupo se comprehende o tupi e o guaraní entre os quaes não ha maior differença do que a que existe entre o portuguez e o hespanhol; assim como comprehendem-se numerosos dialectos d'essas linguas, entre os quaes o dos indios *Kiriris* no qual possuimos um curioso catecismo escripto em 1698, impresso em Lisboa, de que trato na noticia que dou no fim d'este capitulo, onde escrevo a bibliographia dous dos grupos de linguas americanas: supponho que o segundo dous dos comprehende tambem todas as linguas do Brazil.

Parece hoje fóra de duvida que o sanscrito forneceu cerca de duas mil raizes ao *quichua*.

Relações entre linguas americanas e esta grande lingua asiatica, de onde se originaram sete das grandes linguas actuaes da Europa, haviam sido presentidas de muito.

Os estudos serios de philologia comparada datam da publicação da grammatica de Bop.

Homens estudiosos não recuaram diante da aridez d'este estudo, e, com indizível paciencia, escavaram essas minas pejudas de thesouros da antiguidade, e tem feito tantos progressos que talvez não esteja longe o dia em que, com o estudo de uma só grammatica e de um só systema de raizes, se consiga a chave para entender todas as linguas e dialectos de um grupo, fallados pela humanidade.

Com referencia a America, eis o que dizia em 1862 o padre Brasseur de Bourbourg:

« Plus d'un lecteur, en lisant le titre du vocabulaire, s'étonnera du travail comparatif qu'il renferme. En effet, qui se serait douté, il a quelques années, qui s'imaginerait même encore en ce moment, si ce livre n'en apportait les preuves les plus irréfragables, que les langues si longtemps ignorés de l'Amérique centrale offrissent des affinités si nombreuses et si remarquables avec les langues dites indo-

*germaniques, mais surtout avec celles d'origine teutonique*(6) ?

Ao passo que esse vigoroso estudo era concluído a respeito das linguas da America central, um, outro, não menos profundo, era proseguido com incansavel ardor pelo notavel argentino o Sr. Fidel Lopes.

Auxiliado pelo general Urquiza que collegiu documentos *quichuas* a peso de ouro, o Snr. Fidel Lopes começou seus estudos comparativos entre a lingua dos *Yncas* e a em que estão escriptos os *Vedas*, talvez o mais antigo monumento da sabedoria humana. Auxiliado depois por um distincto egyptologo, que propositalmente foi a Buenos-Ayres, elle publicou o anno atrazado em francez, a sua obra: *Raças aryanas do Perú*, onde apresenta centenaes de raizes *quichuas* identicas a raizes sanscritas.

O *quichua* é das linguas americanas a que mais tem sido estudada, como o mostraremos pelo catalogo das obras que sobre ella se hão escripto na America e na Europa.

A conclusão do Sr. Fidel Lopes é a mesma do padre Brasseur de Bourbourg.

Quasi ao mesmo tempo um philologo peruano, o Doutor em leis José Fernandes Nodal, publicava em

(6) *Grammaire de la langue quiché mise en parallèle avec ces deux dialectes chaque chiquel et zutuil, comprenant les sources principales du quiché comparées aux langues germaniques. Par. 1862*

Cuzco (1872) os *Elementos de grammatica quichua ou idioma de los Yncas*, um volume em 4.º, com 440 paginas, facilitando assim a comparação d'essa curiosa lingua americana com o sanscrito.

Eu não conheço o sanscrito; o que tenho estudado do *quichua* me não habilita a julgar com tal segurança de sua grammatica de modo a poder-a comparar com a de qualquer das linguas aryanas que fallo. Mas, para ver identidade de raizes, basta saber ler, e depois de ter lido os trabalhos dos Srs. Fidel Lopes, Brasseur de Bourbourg e Nodal, convenci-me de que as linguas de que tratam soffreram profundas modificações em seus vocabularios por vacabulos sanscritos. Uma raça aryana portanto esteve largamente em cruzamento com os indios americanos, e os *Yncas* ou seus progenitores eram filhos dos *plateaux* ou *araxás* da Asia Central.

Ignoro se existe no Brazil alguma lingua que possa com justa razão ser classificada como tendo afinidade com o sanscrito; se ha, o guaicurú deve ser uma d'ellas. Nossos conhecimentos estão porém muito atrazados para affirmal-o ou negal-o por enquanto.

A lingua mais geral na America meridional é o *tupí* ou *guarani*. Consinta o leitor que por enquanto confundamos estes vocabulos, visto que dentro em pouco diremos em que consiste a differença.

A respeito da extensão d'esta lingua o benemerito Jesuita hespanhol padre Antonio Rodrigues de Mon-

toya nos diz no prefacio do seu *Tesoro de la lengua guarani, Madrid, 1639; lengua ta universal que domina ambos mares; el del sur por todo el Brazil, y cinendo todo el Perú.*

Na bibliotheca do Instituto Historico conserva-se um precioso manuscripto em inglez, 2 volumes em 4º., contendo grammatica e dictionario da lingua tupi, onde seu autor, o Sr. John, Luccock, diz que ella foi tambem fallada ao longo das costas orientaes da America do norte; aqui vão suas palavras: *the language appears to have been spoken along the Western coast of Nort America* (7).

Que o tupi ou guarani foi, é, e será ainda por muitos annos a lingua mais geral da America do Sul, é questão que não pode ser seriamente contestada, desde que se admitta a quasi identidade das duas. Que ellas são quasi identicas não ha a menor duvida, para os que a tem ouvido fallar pelos naturaes.

Se assim é, como explicar o facto de ser o vocabulario da lingua brasiliana tão diverso do vocabulario de Montoya? Por exemplo: Quem lê os exemplos citados pelo padre Luiz Figueira e os entende, não entende senão com difficuldade os da arte da lingua guarani do padre Montoya. A quem estudar as linguas por monumentos escriptos isto succederá sempre, emquanto se não adoptar um alphabeto phonetico

(7) Este precioso manuscripto foi doado ao Instituto pelo benemerito consocio o finado Sr. Gonçalves Dias.

que expresse com propriedade sons que nós não possuímos em nossa lingua, e que força foi á aquelles grandes homens representar com as letras do nosso pobre alphabeto. Como as opiniões acerca da grande variedade de linguas americanas sejam exageradas, pela mesma razão porque se exageraram as differenças entre o tupi e o guarani, isto é, por causa da falta de um alphabeto, consinta-me que me detenha um pouco sobre isto, porque assim ficará esta questão esclarecida. O gammo das notas das linguas americanas é sem comparação alguma mais rico do que o das linguas aryaanas, que são mais vulgares entre nós.

Os grammaticos jesuitas chegavam diante de um som que não tinha representante nas linguas que elles fallavam; era muito natural que o expressassem por uma letra de convenção; como não havia então os meios de comunicação que temos hoje, porque o Brazil de 1873 está para o Brazil de 1600 fóra de toda comparação, era natural, dissemos, que essa convenção não passasse além de um circulo limitado.

A palavra agua por exemplo é *j gutural*, em tupi e guarani.

Não ha som algum que possa representar no portuguez, latim ou hespanhol, linguas que eram as cenhedidas por aquelles padres, uma vogal gutural, porque essas linguas não possuem uma só. O que era natural que fizessem? Uns escreveram simplesmente um *I* italico com um trema; outros escreveram o mesmo

*I* com um ponto em cima, outro em baixo; outros escreveram um *y* com um accento particular; outros escreveram *yy*. Portanto, da falta de uma letra que expressasse exactamente o som em questão, resultou que escreveram a mesma palavra por quatro fórmãs distinctas, de modo que, quem lê é levado a pensar que havia quatro expressões para designar a palavra *agua*, quando os dialectos antigos e modernos não teem mais que um só vocabulo.

Esta confusão cresce quando a vogal gutural é seguida de vogal nasal aspirada; por exemplo: *sem agua*, que se diz: *ijma*; ora, qual o meio de expressar isto com as letras do nosso alphabeto? Não ha: portanto uns escreveram *iin*, *iji*, outros *igeima*, de modo que nós, que lemos as letras com os sons que ellas representam, em vez do vocabulo tupi temos escripto diversos, dos quaes nenhum dá no som verdadeiro.

Um outro exemplo e com elle concluo.

Não temos sons nasaes no principio dos nomes, e por isso não temos meio algum de represental-os sem as convenções supracitados. A palavra, *cousa*, se diz em tupi *m'bae* que se pronuncia quasi como *umbaé*. Para expressar o som tupi com as letras de nosso alphabeto escreveriamos ou *umbae*, ou *m'baé*, ou *imbae*, ou *embac*, isto são 4 nomes distinctos, dos quaes um só é o tupi.

A' vista d'isto comprehende-se como, para quem lê a lingua antes de haver educado o ouvido pela falla,

cada novo autor que lhe caia nas mãos figura uma nova lingua, ou pelo menos um dialecto diverso, sem haver tal diversidade sinão na pobreza e falta do nosso alphabeto, que certamente não podia representar sons que não existem nas linguas para que elle foi feito.

Accrescente-se a isto, que os missionarios hespanhóes se serviam do alphabeto com os sons que elle tem em castelhano, diversos em muitos casos dos sons portuguezes; e comprehende-se com toda facilidade como o guaraní, que não é sinão o tupi do sul reduzido a lingua escripta, apresenta uma apparencia ás vezes tão diversa, que homens da força do benemerito Martius de saudosa memoria, com tanto merito real, e que aliás fallava o tupi, o julgava no entretanto distincto do guaraní, como se lê a pag. 100 do seu *Glossaria linguarum brazilensium*. Elle não conhecia o guaraní sinão por leitura, e leitura do padre Montoya, de todos o unico que escreveu com signaes especiaes, e que portanto escrevia muito diversamente de Martius que, tendo aprendido o tupi pelo padre Figueira, adoptou muito naturalmente o modo de escrever d'este grande e profundo grammatico.

Outro argumento da differença apparente das linguas tupi e guaraní, e estou quasi tentado a dizer de outras linguas americanas, resulta de circumstancias geographicas que serão bem comprehendidas á vista do seguinte exemplo:

No Paraguay se diz, gallinha: *uruguacu*; no Pará

dizem os tupis: *capucaia*. Ora, é absolutamente impossível encontrar identidade de raízes entre estas duas palavras: *uru guacu*, e *capucaia*; quem não conhecer a língua pensará mesmo que os vocabulos pertencem a dous idiomas distinctos; mas, desde que conhecer a significação das palavras, verá que *uru guacu* quer dizer, *perdiz grande*; em verdade a galinha se assembléa á perdiz; mas, não havendo perdizes no Pará porque não ha campos, o nome de *uru* era dado a outros indivíduos da familia que em nada se assemelham á galinha, e portanto não era natural que elles se servissem do mesmo qualificativo; tomaram o canto do gallo para significar a nova fórma, e assim empregaram a expressão: *capucaia* que quer dizer: *o que grita*, tanto em tupi como em guaraní.

Estes argumentos são clarísimos, mas só podem ser bem avaliados pelas pessoas que entenderem a língua, e isto infelizmente não é vulgar entre nós, o que é de lamentar-se porque, além de ser quasi a lingua vernacula, é ella o grande vehiculo para levar civilisação e religião a, pelo menos, 1:000:000 de nossos compatriotas que erram ainda selvagens pelo meio de nossos sertões, á espera de que lhes vamos levar a civilisação e o trabalho.

Por esse motivo a estes argumentos eu acrescentarei um de natureza historica, e é o testemunho do Dr. D. Lourenço Furtado de Mendonça, prelado da diocese do Rio de Janeiro o qual, na approvação que deu a

*Arte do padre Montoya*, diz em 7 de Março de 1630 o seguinte: *y oxalá los prelados que allá en el Brasil tenemos questras Diocesis tan vezinas al dicho Paraguay, y Rio de la Plata, vieramos en ellas este espíritu, este zelo, e estos frutos, pues confieso que andado yo visitado, me ayudé de uno destes indios traidos del dicho Paraguay para que en el Ingenio adonde estava quedasse con cargo de doctrinar à los otros del dicho Ingenio*. Mas os indios do Rio de Janeiro e S. Paulo fallavam o tupi, logo o tupi é nem mais nem menos o mesmo guarani, com algumas differenças (8).

#### INDOLE DAS LINGUAS NO GRUPO TUPI

Um facto que não deixa de ser singular e caracte-

(8) Entre as differenças uma ha curiosa, e é a tendencia que manifesta o guarani em abandonar as raízes primitivas dos vocabulos aglutinados, e isto demonstra que o guarani é posterior ao tupi; exemplo: *cicurijú*, é o nome da nossa grande serpente amphibia, em tupi; os guaranis dizem: *curujú*; *Cahapora*, é o nome de um genio de sua mythologia de que fallaremos adiante, em tupi; os guaranis dizem: *Pora Curupira*. *Matim taperé* ou *Saci Cereré* é o nome de outro genio em tupi; os guaranis dizem: *Céréré*; onça, *jaguara* em tupi; os guaranis dizem *jagua*. Estes exemplos, que eu poderia alongar a um grande numero de vocabulos, indicam que é a mesma lingua em dois periodos: o tupi em um periodo mais primitivo, quasi monosyllabico, conservando com escrupulo as raízes com que formou a aglutinação; o guarani em um periodo mais desenvolvido, aquelle em que a raiz monosyllabica perde a significação para abandonal-a ao vocabulo aglutinado. Portanto o tupi é anterior e por isso denominamos o grupo com o seu nome.

ístico n'este grupo de linguas, é que as suas formas grammaticaes são quasi todas ao inverso das nossas.

Passo a exemplificar isto, porque pôde esta observação levar a comparações de não pequeno interesse.

Todas as linguas conhecidas, e que têm sido objecto de estudos, têm uma unica forma para exprimir as pessoas do verbo, e essa forma é a das terminações; nas indo-latinas é assim: *laud-o, laud-as, laud-at, laud-amus, laud-atis, laud-ant*; expressa as pessoas pelo mesmo mechanismo pórque o portuguez o faz: *louv-o, louv-as, louv-a, louv-amos, louv-aes, louv-am*. Entre o portuguez e o latim a raiz mudou, mas o mechanismo é o mesmo.

O nosso tupi veio fazer brecha n'essa regra dos philologos, apresentando-lhes um mechanismo tão ou mais simples, porém inverso, e por tanto distincto.

Todo mechanismo que serve para conjugar os verbos, quando é posposto á raiz nas linguas aryanas, é anteposto no tupi; e o que é anteposto nas linguas aryanas, é posposto no tupi.

Logo: em quanto as linguas classificadas significam as pessoas dos verbos por uma posposição, conservando a raiz em 1º lugar, o tupi põe a raiz para o fim, e começa por aquillo que entre nós é terminação. A vista d'esta regra, em vez de uma conjugação difficil e obstrusa, o mechanismo dos verbos fica tão claro como em portuguez; aquillo que os antigos grammaticos chamaram artigo, não é senão a mesma

terminação, com a só differença de, em vez de ser posposta, é anteposta, exemplo:

Portuguez.

Verbo matar, *ajucá*.

Tupi.

Raiz. Terminação.

mat — o

\*nát — as

mat — a

Terminação. Raiz.

a — juca

re — juca

o — juca.

Quando queremos passivar um verbo, em os tempos em que o podemos fazer sem auxiliares, o conseguimos pelo mesmo systema de posposição; elles o conseguem por uma anteposição, e com um mechanismo muito mais simples.

A indole do tupi é tão inflexivel n'este particular que, as mesmas preposições copulativas, são arremessadas para o fim da oração e pospostas aos proprios nomes que copulam! Permitam-me mais um exemplo para tornar patente esta singular e caracteristica lei: «eu vim com um bom cão», se diz em guarani: *che aju petein jogua catuêté dive*, o que, aopê da letra, diz: *eu vim um cão bom com*. Não ha em uma só lingua classificada transposição d'esta ordem, e isto indica uma elaboração linguistica inteiramente nova, e que caracterizará dentro em pouco um genero tambem novo.

Para formarmos os casos, nossas particulas, quando necessarias, precedem o nome: entre elles é posposta:

Entrego esses factos ao estudo e reflexão dos linguistas, persuadido de que ha ahí a primeira revelação de uma grande lei philologica, que muito ha de esclarecer o problema, até hoje tão obscuro, da diversidade das linguas.

#### TRABALHOS SOBRE A LINGUA TUPI' OU GUARANI

Parece-me que a palavra *Tupi* quer dizer: pequeno raio, ou filho do raio, de *Tupá*—raio, e—i diminutivo. A palavra *Guarani* parece corruptella da palavra *guarini* que significa guerra.

Os padres jesuitas hespanhóes e portuguezes foram os unicos que na antiguidade estudaram as linguas selvagens. As linguas selvagens hoje são o mais valioso documento para resolverem-se dous problemas importantes da sciencia, a saber: os grãos de parentesco da grande familia americana, e as leis a que o entendimento humano está sujeito no desenvolvimento da poderosa faculdade de compôr linguas. Descoberta essa lei, será possível uma grammatica que sirva de chave para entenderem-se todas as linguas de uma mesma familia, o que será cousa mais importante para o progresso da humanidade, do que a descoberta do vapor ou das leis da electricidade.

Se o tupi é uma lingua primitiva, como tudo induz a crer, sua antiguidade em relação ao sanscrito e ao

hebraico, é tal que, a vista d'ella, essas linguas ficam sendo quasi contemporaneas.

E' um dos mais importantes legados que o homem prehistorico deixou ás gerações actuaes. Os homens estudiosos têm n'ella mina riquissima de investigações uteis e proveitosas, que não devem abandonar ás gerações futuras, por que essas virão em tempo em que talvez já tenham desaparecido os elementos indispensaveis para o seu estudo.

Com estas reflexões não quero por fórma alguma inculcar que tenho conhecimentos extensos da lingua; eu a fallo tanto quanto é necessario para me fazer entender pelos indigenas; mas ainda não conclui meus estudos que a'líás eu tenho dirigido no sentido pratico.

Pena é que sejam hoje tão raros os livros sobre as linguas indigenas, e tão raros que eu senti difficuldade até para organisar um catalogo d'elles; e como isso será justamente a primeira difficuldade com que terá de arcar aquelle que se empenhar n'esta ardua, mas gloriosa senda, eu concluirei este capitulo com a relação d'esses escriptos, alguns que conheço só por noticia, outros que possuo ou que tenho visto.

O mais antigo e, a todos os respeitos, precioso monumento que possuímos em portuguez, é a *Grammatica do jesuita padre José de Anchieta*, o mais notavel dos antigos catechistas. D'esta obra, que esteve quasi perdida para as letras, os mais minuciosos catalogos só mencionam a existencia de dois exem-

plares, um existente na bibliotheca do Vaticano, e um pertencente ao Sr. conselheiro Macedo, ex-bibliothecario da Torre do Tombo. Na America só existe um exemplar, e esse pertence a S. M. o Imperador. Este exemplar, que é um primor d'arte de calligraphia, consta-me que S. M. o houve na Allemanha, e é copia fac-simile do da bibliotheca do Vaticano. Eu o vi em uma das sessões do Instituto, o anno passado. Pelo que pude julgar com exame rapido que fiz d'essa obra, pareceu-me um trabalho grammatical do mais subido valor. Desde que S. M. possui um exemplar, a bibliotheca do Instituto não ficará sem uma copia.

Em seguida a esta obra, as mais preciosas são incontestavelmente as do padre Antonio Rodrigues Montoya, jesuita hespanhol, filho de Lima, e que floreceu no primeiro meado do seculo XVII. Escreveu elle :

*Arte e vocabulario de la lengua guarani*, Madrid, 1640. Esta obra é hoje rarissima ; existe na Europa, que me conste, um unico exemplar na bibliotheca publica de Londres. Na America sei da existencia d'um pertencente a S. Magestade, um que foi do Dr. Martius, pertencente á bibliotheca do Instituto, doado por S. M. ; um que me pertence e que foi tomado em uma carreta em Cerro Corá por um official do nosso exercito. Este livro é precioso pela multidão de textos que encerra com o modesto titulo de vocabulario.

O 2.º é o *Tesoro de la lengua guarani* do mesmo autor ; é a obra mais completa, e o mais profundo

estudo sobre a lingua; é um monumento que ha de passar ás mais remotas éras, si não perder-se agora; só com seu auxilio seria possivel restaurar a lingua, se ella se perdesse. Existe um exemplar na bibliotheca de Londres, um na de Santa Genoveva em Paris.

Na America sei da existencia de quatro; um pertencente a S. M. o Imperador, um ao Dr. Baptista Caetano, que com tanto esmero se ha dedicado ao estudo da lingua ; um pertencente ao general D. Bartholomen Mitre, um que pertenceu ao general Urquiza, e que penso pertencer hoje ao Sr. Fidel Lopes, de Buenos Ayres. D'esta obra só tenho noticia d'uma edição ; da *Arte e vocabulario* tenho noticia de duas: a que citei acima, e uma outra feita em Santa Maria Maior, impressa ao que parece com typos de madeira ; esta segunda edição traz acrescentamentos debaixo do titulo de escolios, escriptos pelo padre Paulo Restivo, da companhia de Jesus, 1724. Não creio que exista um só exemplar na Europa, por que alguns bibliographos até põe em duvida que ella tenha sido impressa, e todos a citam com referencia. Existem na America, que eu saiba, dois exemplares, um pertencente a S. M. o Imperador, e outro que pertencia á familia do marechal Lopes, e que me foi dado. (9)

(9) Aos amigos da linguistica americana damos a fausta nova de que o incansavel Snr. Barão de Porto seguro esta fazendo reempresim em Vienna d'Austria o vocabolario e Thesouro do padre Montoya.

A outra obra do padre Montoya é o: *Catecismo de la doutrina christã*. Ha duas edições, uma de Madrid que deve ser do mesmo anno de 1640, e uma de Santa Maria Maior, augmentada pelo mesmo jesuita, o padre Paulo Restivo, ja citado. Só tenho noticia d'um exemplar existente d'essa obra, e esse pertence a S. Magestade o Imperador; ainda o não vi.

A 4.ª obra do padre Montoya é: *Sermones de las dominicas del ano e fiestas de los indios*. Ignoro se esta obra foi impressa, e menos ainda se subsiste hoje algum exemplar d'esse precioso livro. Os bibliographos o notam apenas pela referencia que d'elles faz o citado padre no proemio do seu *Tesoro*.

A's obras d'este, seguem-se as dos outros missionarios portuguezes.

Não sei que exista um só exemplar das grammaticas de Manoel da Veiga, e Manoel de Moraes, que só conheço pelas referencias que d'ellas faz o Sr. França em sua *Chrestomathia da lingua brasílica*, citando João de Laet, notas á dissertação de Hugo Grotio, intitulada: *De origine gentium americanarum*.

A bibliotheca fluminense, e creio que a do Rio de Janeiro, possui um exemplar do catecismo grande dos Jesuitas, pelo qual elles ensinavam a doutrina christã a nossos selvagens. Essa obra tem por titulo: *Catecismo Brasílico da Doutrina Christã; com o ceremonial dos Sacramentos e mais actos parochiaes*. Composto por padres d'outros da companhia de Jesus, aperfeiçoado e dado

à luz pelo padre Antonio de Araujo, da mesma companhia, emendado n'esta segunda impressão pelo padre Bartho'meu de Leon, da mesma companhia. Lisboa, 1686. Off. de Miguel Deslandes.

*Grammatica da lingua geral dos indios do Brazil*, composta pelo padre Luiz Figueira, reimpressa na Bahia em 1851, aos esforços do Sr. João Joaquim da Silva Guimaraes. No meu pensar, o padre Figueira não conheceu tão profundamente a lingua quanto o padre Montoya; comtudo, na grammatica propriamente dita, isto é na philosophia da lingua, me parece que elle é superior ao dito padre Montoya. A edição de Lisboa, que já não é vulgar, foi seguida d'um vocabulario com o titulo de: *Diccionario Brasiliano*. (10)

Outras obras ha antigas, que ou não tiveram a celebridade e reputação d'estas, ou nunca foram impressas, e conservam-se nas bibliothecas de França, Inglaterra e Allemanha, até que, ha pouco tempo, a curiosidade dos sabios singularmente despertada por esta lingua que lhes vai ministrar, talvez, um ponto de

(10) Este padre Luiz Figueira é um d'esses vultos angelicos, que illuminam as primeiras paginas da historia dos jesuitas, em nossa terra; já velho e cansado, não cessava de viajar pelos sertões do Brasil para catechisar e doutrinar os pobres brasís, como com sincera ternura os denominava no prologo da sua grammatica. Gozou da gloria do martyrio; foi morto e devorado pelos indigenas da ilha de Marajó, no Pará.

Vide: A. Henriques Leal, *Apontamentos para a historia dos jesuitas no Brasil*.

comparação que lhes faltava para fixarem regras importantíssimas de philologia, as está desenterrando do pó de quasi dous seculos para trazel-as á luz da publicidade.

Além d'estes trabalhos, que se referem ao tupi ou guarani, existe um mui curioso e importante sobre um grande dialecto da lingua, que era fallada antigamente em grande extensão do Brazil: referimo-nos á lingua kiriri; tem por titulo: *Catechismo da doutrina Christã na lingua brasilica da nação Kiriri, composto pelo padre Luiz Vincencio Mamiani, da companhia de Jesus, missionario da provincia do Brazil.* Lisboa, 1698, na officina de Miguel Deslandes.—Os bibliographos dão esta obra como perdida. Felizmente para nós existe aqui no Rio de Janeiro um exemplar pertencente ao Sr. F. A. Martins, digno conservador da bibliotheca d'este Instituto.

Possue mais a bibliotheca d'este Instituto uma verdadeira preciosidade em guarani, de que não ha menção em catalogo algum, mas que está infelizmente tão estragada pelas traças que ficará perdida se não cuidarmos de sua reimpressão, ou pelo menos de tirar uma cópia; tem por titulo: *Sermões e exemp'os em lingua guarani*, por Nicolas Japuguay—En el pueblo de S. Francisco e n 1727. Como o nome indica, este missionario devia ser algum mestiço que, com o leite materno, bebeu os primeiros rudimentos da grande

lingua sul-americana; esta obra foi doada ao Instituto pelo socio o Sr. conego Gay.

Possue tambem o Instituto um grande manuscrito em dous volumes, contendo: Grammatica e Dictionario da lingua tupi, escriptos uma e outra cousa em inglez; foi obtido em Vienna d'Austria e remetido a esta associação pelo benemerito poeta e litterato o nosso finado consocio o Sr. Antonio Gonçalves Dias. O manuscrito tem por titulo: *A Diccionary of the Tupy language as spoken by the aboriginis, collected by John Luccock.* Rio de Janeiro, 1818.

Não tive ainda sufficiente tempo para poder julgar se é uma obra original ou uma simples traducção de alguma outra, o que aliás não é cousa facil, porque, como o leitor terá visto por esta noticia, é difficilima a aquisição d'estes livros, e por tanto difficil a comparação, que não póde ser feita sem possuir um texto diante do outro

Possue mais o Instituto: *Compendio da doutrina christã na lingua portugueza e brasilica* composto pelo padre João Philippe Betendorf, reimpresso em 1800 por frei José Mariano da Conceição Velloso.

Entre obras contemporaneas possuímos: *Diccionario da lingua tupy*, por A. G. Dias, Leipzig—F. A. Brockhaus, 1858.

*Crestomathia da lingua brasilica*, pelo Dr. Ernesto Ferreira França, Leipzig—F. A. Brockhaus, 1859.

*Glossaria Linguarum brasiliensium*, do Dr. Carlos

Frederico Philippe de Martius—Erlangen, Junge und Sohn, 1863.

*Vocabulario da lingua indigena geral para uso do Seminario Episcopal do Pará*, pelo padre M. J. S. Pará, 1853.

*Grammatica da lingua indigena geral para uso do Seminario Episcopal do Pará*, pelo coronel Faria, professor que foi d'essa cadeira, Maranhão, 1870.

#### TRABALHOS SOBRE A LINGUA QUICHUA

O tupi é uma lingua que não soffreu mescla com o sanscrito. Para se ter um ponto de comparação com linguas que foram alteradas por aquelle grande idioma asiatico, é necessario ter livros quichuas, que é das linguas americanas a que foi mais alterada pelo sanscrito, e tambem a que tem sido objecto de mais conscienciosos estudos.

N'ella porém, como no tupi, a grande parte dos homens de letras ignora até o nome dos livros que se ha escripto a seu respeito, livros hoje raros, mas que se encontram nas grandes bibliothecas da França, Inglaterra e Allemanha.

Em nossas bibliothecas encontra-se a *Arte e vocabulario* do Dr. Tschudi, que aliás dá bom elemento de estudo para conhecimento da lingua.

Ultimamente (1872) publicou o Dr. José Fernandes Nodal, em Cuzco, no Perú, *Grammatica quichua, ó idioma de los Yncas*, e está imprimindo na mesma ci-

dade o seu—*Gran Diccionario Castellano Quichua—y vice-versa*. O Sr. Fidel Lopes, de Buenos-Ayres, publicou em Pariz, o anno atrazado, a obra que citei atraz: *Races Argennes da Perú*, que é uma curiosa e profunda comparação entre o quichua e o sanscrito. Infelizmente no Brasil nada havemos feito recentemente sobre as nossas linguas.

Com as obras acima citadas, o homem estudioso tem os elementos necesarios para conhecer esta importante lingua.

No entretanto, como é summamente raro um catalogo dos escriptos antigos sobre o quichua, aqui vai a relação dos mais notaveis, que extracto da obra do Dr. Carlos Nodal:

*Grammatica da lingua geral dos indios do Perú*, pelo dominicano frei Domingos S. Thomaz. *Lexicon da mesma lingua*, (em hespanhol). Valladolid, 1560.

*Arte Quichua*, pelo jesuita padre Diogo Torres Rubio, com cathecismo christão, seguida de um vocabulario da lingua Chinchaisuyo, pelo jesuita Juan de Figueroa, (em hespanhol). Lima, 1700. Esta mesma obra, melhorada, foi reimpressa em Lima em 1754.

*Vocabulario da lingua geral do Perú*, pelo padre frei Juan Martinez. Lima, 1609.

*Grammatica da lingua geral do Perú*, pelo padre frei Diogo Gonzalez de Holguin. Cidade de los Reys, 1608. Este jesuita escreveu tambem um vocabulario que foi reimpresso em 1842.

*Arte da lingua Quichua*, pelo Dr. Alonzo de Huerta. Cidade de los Reys, 1616.

*Grammatica da lingua indica*, por Diego de Olmos. Lima, 1644.

*Arte da lingua dos Yncas*, pelo bacharel D. Estêvam dos Santos Melgar. Lima, 1691.

*Arte da lingua geral dos indians do Perú*, por Juan Roxa Maxia y Ocon. Lima, 1648.

*Arte e vocabulario da lingua Quichua*, manuscrito na bibliotheca de Berlin, pelo barão de Humboldt.

*Elementos para uma Grammatica e Diccionario Quichua*, por R. Clemente Markham. Londres, 1864.

#### COLLEÇÃO DE INSTRUMENTOS E ARTEFACTOS

Depois de fallar d'aquillo que colligimos das linguas não deixaria de ser omissão não dizer o que temos collido de outras manifestações da actividade dos nossos selvagens.

Possuimos no Museu Nacional uma riquissima e preciosa colleção de instrumentos de pedra lascada, machados, dardos, facas, mós, e pilões ou *indua*, alguns dos quaes de frabalho e labor tão perfeito que excitam a admiração.

Ao Sr. conselheiro Lopes Netto deve aquelle estabelecimento uma preciosa colleção de antigos vasos, assim como uma facha de ouro que no Perú distinguia os membros da familia real dos Incas, e idolos de ouro e prata hoje rarissimos. Este illustre brasileiro cuja es-

*Veja o inventário na pag. 195 - estada.*

tada na Bolivia nos foi tão util pelo tratado de limites que consolidou a paz d'aquella republica com o nosso paiz, não se esqueceu de dotar o nosso estabelecimento de archeologia com o que de mais precioso alli encontrou.

A' elle devemos tambem um exemplar da pedra das Amazonas, verdadeira raridade que falta á maior parte das colleções de antiguidades americanas.

Em artefactos de argilla plastica possuimos tambem uma colleção curiosa de antigas urnas funerarias, a maior parte provenientes de Marajó devidas ás investigações do nosso illustre compatriota o Sr. Domingos Soares Ferreira Penna.

Em roupas e artefactos de penna, armas de madeira ou ossos, collares de fructas, sementes, ossos, a colleção do Museu é esplendida, e devemo-la a S. M. o Imperador.

A secção propriamente anthropologica, essa é pauperrima. Apenas quatro craneos, e dous esqueletos e tudo quanto possuimos para estudar as proporções e caracteres do homem americano. Possuimos maior numero de mumias do Egypto! E' natural porém que as colleções d'esta ordem se enriqueçam agora, com o crescente interesse que vão tomando estas sciencias.

## IV

## RAÇAS SELVAGENS

*Raça primitiva. Raças mestiças antigas. Cruzamentos recentes. Raças mestiças (Gaúcho, Caypirá, Cabaré, Tapuio) como elemento de trabalho. Plano de catechese. Resultados prováveis dos cruzamentos actuaes na futura população do Brazil.*

As raças encontradas no Brazil, e que estão ainda extremes de qualquer cruzamento recente, são provenientes de um só tronco?

Aqui vão os factos que eu tenho observado:

Entre caracteres que approximam os selvagens do Brazil uns dos outros, ha no entretanto diferenças constantes e singulares, mediante as quaes me parece que se podem distinguir tres raças diversas, a saber:

- 1.º O indio escuro, grande.
- 2.º O indio mais claro, de estatura mediana.
- 3.º O indio mais claro, de estatura pequena, peculiar á bacia propriamente do Amazonas.

Como direi adiante, me parece que o primeiro é um tronco primitivo; os dous ultimos são raças mestiças filhas do cruzamento d'aquelle tronco com o branco. Não me refiro a cruzamentos recentes, e sim aos que deveram ter lugar muitos centos de annos antes da descoberta da America por Christovão Colombo.

Vimos no capitulo antecedente o como nas linguas

encontravam-se vestigios irrefragaveis d'esse cruzamento.

Agora vamos acompanhar esses vestigios em documentos não menos incontestaveis do que aquelles, que são a côr e a estrutura physica de nossos aborigenes.

Nas informações que passo a dar a este respeito eu não reproduzo nada do que tenho lido, e sim o que tenho observado; tenho mesmo evitado lêr a este respeito, não porque desconheça o valor das opiniões de pessoas muito mais competentes do que eu; mas porque, tendo tido aberto diante de mim o grande livro da natureza, não desejei percorrer-lhe as paginas com opiniões preconcebidas e formadas no gabinete. Eis o que tem me parecido digno de nota.

O indio da raça primitiva, de que para mim são typos o *Guaicuru* em Matto-Grosso, o *Chavante* em Goyaz, o *Mundurucú* no Pará, é côr de cobre tirando para o escuro (côr de chocolate), estatura ordinariamente acima da mediana até verdadeira corpulencia, cabellos sempre duros, o molar e a orbita salientes, quasi recto o angulo do maxillar inferior, o diametro transversal entre os dous angulos posteriores do maxillar inferior é igual ao diametro transversal do craneo de um a outro parietal, o calcaneo grosso, o tarso largo, dando em resultado um pé solido, se bem que algumas vezes de uma pureza admiravel de desenho. Estes caracteres physicos, que ressaltam logo aos olhos do observador, os distinguem dos outros, cuja côr

amarella tirando para a da canella, estatura mediana, e ás vezes abaixo d'isso, cabellos muitos vezes finos e até annellados, menos pronunciadas as saliencias das orbitas e do molar, face menos quadrada, o dedo grande do pé muito separado do index, pés e mãos de uma delicadeza que faria o desespero dos mais elegantes da raça branca; as mulheres de fórmas delicadas, regulares, e as vezes de grande belleza, quando as outras são verdadeiros colossos, grosseiros e tão solidamente musculadas como um homem robusto, são outras tantas differenças que não deixam confundir uma raça com outra.

Na raça primitiva e escura, ha uma variedade que se distingue tanto pelo exagerado desenvolvimento do pennis, que os mesmos selvagens a caracterisam por esse signal.

Nas raças mestiças, a do Pará distingue-se por caracter opposto.

Quanto aos caracteres intellectuaes tenho duas observações a fazer:

Pela experiencia de tres annos, que tenho no collegio Isabel, vejo que os da segunda raça aprendem com maior facilidade a nossa lingua, e a ler e escrever; entre os da primeira, alguns ha de uma difficuldade de comprehensão verdadeiramente desanimadora, para tudo que não são officios mechanicos, nos quaes todos elles mostram rara aptidão. Entre os segundos alguns ha de intelligencia não vulgar.

O adiantamento comparativo nas idéas religiosas é ainda um caracter distinctivo entre os dous typos. Os jesuitas antigos, que aliás n'este ponto não eram observadores sagazes, porque para elles todo culto era tributado ao espirito maligno, e que não olhavam para estas cousas com a isenção de espirito necessaria para bem comprehendel-as; os jesuitas já haviam dito: entre os *Brazis* alguns ha que têm idéas de Deus, outros não. Isto não é exacto; todos elles têm uma religião; a differença é: uns tinham uma verdadeira theogonia, ao passo que outros só tinham um ou outro espirito superior, a quem attribuiam certas qualidades sobrenaturaes.

Mas a distincção nem por isso é menos exacta, n'este sentido: ha uma grande differença entre as duas raças debaixo do ponto de vista do desenvolvimento do instincto religioso.

A primeira das duas, a que eu darei o nome de *abauna* (indio escuro) para servir-me de uma designação tupí, me parece uma raça pura, porque seus caracteres são constantes.

Se algum dia se vier a confirmar a opinião da origem do homem pelas diversas regiões geographico-geologicas do globo, é essa a familia autochthone do nosso Brazil.

A outra familia, mais poderosa e intelligente, a que eu chamarei *abajú*, me parece mestiça; eu não me refiro a um mestiçamento recente, depois da desco-

berta da America, e sim ao que se deu em tempos prehistoricos, como já notei. Penso que ella é mestiça: 1º, porque se approxima mais da raça branca do que a *abauna*; 2º, porque, ao passo que a côr da primeira é constante e invariavel, esta apresenta nuanças mais ou menos carregadas, o que seria inexplicavel a não ser a primitiva fusão dos sangues, a qual, como se sabe, produz commumente o phenomeno de reproduzir, depois do intervallo de muitas gerações, os typos dos progenitores, pela conhecida lei do atavismo. D'estas differenças de côr nós encontramos vestigios até na denominação das tribus, o que indica que o phenomeno foi notorio aos proprios selvagens: sirvam-me de exemplo estas expressões: *tupiuna* e *tupitinga*, isto é: *tupis pretos* e *tupis brancos*, nomes que designavam tribus do valle do Amazonas.

O phenomeno de differença de côr, que não pôde encontrar explicação na acção dos meios, porque esta foi a mesma para todos elles, é documento de incontestavel autenticidade para provar a mescla do sangue.

Os viajantes mais respeitaveis referem-nos que, no meio dos aborigenes americanos, encontram-se alguns quasi brancos.

Entre os *tupis* conheço typos muito approximados do branco; ha no collegio Isabel um menino guajajara, de nome Vicente, que, a não ser uma leve obliquidade nas arcadas superciliares, seria tomado como um branco puro. A tribu appareceu no Araguaya em meu

tempo, vinda dos sertões, onde era improvavel um cruzamento recente; eu conheci os pais, indios legitimos, e bastante escuros, se bem que *tupis*. Portanto, é esse um facto de atavismo bem caracterizado, e que observei e pôde ainda ser observado em todas as suas circumstancias. Este facto é aliás commum entre os *tupis*.

Na raça *abauna*, não só não se encontra isso, como mesmo não se nota nuanças no seu amarello escuro tirando para a côr do chocolate. Em compensação encontram-se numerosos individuos reproduzindo o cabello ruivo, que se suppõe ser um traço caracteristico do homem primitivo; entre outros citarei o capitão da Aldêa do Meio nas *Intaipavas* do Araguaya, da tribu dos *Chambias*, e de nome *Dereque*.

D'estes factos resulta: se o atavismo reproduz os typos de onde veiu o cruzamento, segue-se que a raça *abajú* é mestiça e portanto um ramo, e a raça *abauna* é primitiva.

Approxima-se esta da mongolica pela côr amarella, estrutura pyramidal da cabeça, obliquidade das arcadas superciliares, saliencia das orbitas e do molar, pela depressão da abobada frontal, identidade na côr dos cabellos e olhos, e na pouca densidade das vellosidades.

Distingue-se pela côr que é mais fechada, pela horizontalidade dos olhos que não acompanha a obliquidade das sobrancelhas como no mongol, e que

n'este ultimo constitue um traço característico ; pelo angulo do maxillar inferior quasi recto, pela estrutura ampla e desenvolvida da caixa toraxica, tão fragil e deprimida no mongol ; pela grossura do calcaneo e largueza do tarso, que no mongol são ainda mais finos do que no branco ; pela estatura elevada e solidamente musculada, a qual contrasta com as formas pequenas e fanadas do mongol, sobretudo na musculação do torso, e na estrutura ampla e desenvolvida do tronco até á cabeça.

Eu tenho aqui uma cabeça de uma estatueta de argilla, encontrada pelo Dr. Tocantins dentro de uma *ygacaba* dos antigos aterros de Marajó, onde o primitivo estuario, fazendo uma obra tosca e grosseira, reproduziu comtudo com admiravel fidelidade os caracteres da raça que venho de descrever ; com effeito, na grosseira e rude obra vê-se o plano pyramidal da estrutura da cabeça, a obliquidade das sobranceiras, a horisontalidade dos olhos, o recto do angulo do maxillar inferior, e até a bracocephalia. Esta rude obra é mais um documento que nos indica, que os caracteres que eu assignalei eram de tal forma communs que foram notorios aos proprios selvagens.

#### CRUZAMENTOS RECENTES

Os cruzamentos modernos tomaram diversas denominações segundo os troncos progenitores. O indio e branco produziram uma raça mestiça, excellente pela

sua energia, coragem, sobriedade, espirito de iniciativa, constancia e resignação em soffrer trabalhos e privações ; é o *mameluco*, tão justamente celebre na historia colonial da capitania de S. Vicente. Infelizmente estas boas qualidades Moraes são compensadas por um defeito quasi constante : o da imprevidencia ou indifferença pelo futuro. O *mameluco*, como o indio seu progenitor, não capitalisa, nada poupa. Para elle o mez seguinte é como se não existisse. Será falta de educação, ou falta de uma faculdade ? E' falta de educação porque, para esses pobres, a patria tem sido madrastra.

O cruzamento do indio com o negro deu em resultado uma linda raça mestiça, cor de azeitona, cabellos corridos, intelligente e com quasi todas as qualidades e defeitos da precedente, e que é conhecida no norte com o nome de *cafuz*, e no sul com o nome de *aboré*.

Os traços physicos característicos, ao menos para mim, que subsistem da raça indigena n'estes dous mestiçamentos, são : a cabeça, a qual conserva a depressão da testa e a estrutura, approximando-se da do indio ; a vellosidade da fronte, estendendo-se em angulos salientes, nas fronteiras com os vertices oppostos ; as orbitas e o molar salientes, o diametro transversal dos angulos posteriores do maxillar inferior quasi igual ao diametro parietal do craneo ; o cabello corrido e extremamente negro ; barba e vellosidades do rosto e

pescoço extremamente raras. No corpo, a solida e vasta estructura do tronco, a largura das espaduas em contraste com o pouco desenvolvimento da bacia, a energia da musculação e a fina e delicadeza das extremidades, são traços que ressaltam logo aos olhos do observador.

O cruzamento d'estas raças, ao passo que misturou os sangues, cruzou também (se nos é licito servirmos-nos d'essa expressão) a lingua portugueza, sobretudo a linguagem popular. E' assim que, na linguagem do povo das provincias do Pará, Goyaz, e especialmente de Matto-Grosso, ha não só quantidade de vocabulos tupis e guaranis accommodados á lingua portugueza e n'ella transformados, como ha phrazes, figuras, idiotismos, e construcções peculiares ao tupi. Este facto mostra que o cruzamento physico de duas raças deixa vestigios moraes, não menos importantes do que os do sangue. O notavel professor norte-americano C. F. Hartt nota que são rarissimos os verbos portuguezes que tem raizes tupis, e cita como um d'esses raros exemplos, talvez unico, o verbo *moquear*. Se o illustre professor houvesse viajado outras provincias, veria que esse exemplo não é isolado, e que não temos um, mas muitos verbos vindos do tupi, e alguns d'elles tão expressivos e energicos que não encontramos equivalentes em portuguez; citarei entre outros os seguintes: *espocar* (Pará) por: arreentar abrindo; *petoquiar* (Minas, S. Paulo) por: jogar; *entour* (ge-

ralmente em todo o Brazil) por: metter-se em buraco, ou figuradamente, por: encolher-se, fugir á responsabilidade; *gapuiar* (Pará, Maranhão) por: apanhar peixe; *cutucar* (geral) por: tocar com a ponta; *espiar* (geral) por: observar; *popocar* (Pará, Maranhão) por abrir arrebetando; *pererecar* (geral) por: cahir e revirar; *entejucar* por: embarrear; *encungar* por: metter os bois no jugo; *apinchar* por: lançar, arremessar; *capinar*, por limpar o matto; *embiocar*, por: entrar no buraco; *bobuiar*, por: fluctuar; *atingar* por: exhalar máu cheiro; *tocaiar* por: esperar, etc. são outros tantos verbos com que o tupi enriqueceu a lingua popular dos habitantes do interior do Brazil, lingua ás vezes rude não o contestamos, mas ás vezes também de uma energia e elegancia de que só pôde fazer idéa, aquelle que tem estado em uma roda de gaúchos folgazões a ouvil-os contar a historia de seus amôres, suas façanhas de valentia, ou as lendas, as vezes tão tocantes e poeticas de suas superstições, metade christãs, metade indigenas.

Assim como muitos seculos depois de haverem passado os povos que fallaram o sanscrito e o quichua, se encontra n'esta ultima lingua os vestigios d'aquella familia; assim também d'aqui a mil annos, quando já não houver no sangue dos habitantes do Brazil a mais leve apparencia d'esta pobre raça, que ainda hoje domina talvez uma quinta parte do solo da nossa terra, ahi estarão na lingua por elles modificada os

imprevedores vestígios de sua coexistência e commu-  
nhão commosco.

Se dos verbos passassemos aos substantivos, nomes de animaes, logares, plantas, ver-se-hia que nada menos de mil vocabulos, quasi uma lingua inteira, passou e veiu fundir-se na nossa, assim como com o cruzamento tem passado e ha de continuar a passar o sangue indigena a assimilar-se e confundir-se com o nosso.

Aquelles que estudam estetica dizem, que nas linguas dos povos barbaros, muito mais laconica e muito menos analytica dos que as dos povos cultos, as imagens succedem-se, supprindo ás vezes um longo racioçinio. A poesia de nossos selvagens é assim: o mais notavel é, que o nosso povo servindo-se aliás do portuguez, modificou a sua poesia tradicional pela dos índios. Aquelles que tem ouvido no interior de nossas provincias essas dansas cantadas, que, com os nomes de cateretê, cururú, dansa de minnanos e outras, vieram dos tupis incorporar-se tão intimamente nos habitos nacionaes, notarão que de ordinario parece não haver nexos algum entre os diversos membros de uma quadra. Lendo eu uma analyse de cantos dos arabes, tive occasião de notar a estranha conformidade que havia entre aquella e a poesia do nosso povo: o critico que as citava, dizia: « para nós que estamos acostuma-  
dos a seguir o pensamento em seus detalhes, é quasi impossivel perceber o nexos das idéas entre imagens

apparentemente destacadas e desconnoxas; para os povos selvagens, porem, esse nexos revela-se na pobreza de suas linguas, pela energia das impressões d'aquellas almas virgens, para quem a palavra fallada é mais um meio de auxiliar a memoria, do que um meio de traduzir impressões ». Appliquei esse principio de critica á nossa poesia popular, sobretudo aos cantos d'aquellas populações mestiças, onde as impressões das raças selvagens gravaram-se mas profundamente, e vi que effectivamente, supprindo-se por palavras o nexos que falta ás imagens expressadas por elles em fórmulas laconicas, revela-se um pensamento energico, ás vezes de uma poesia profunda e de inimitavel belleza, apezar do tosco laconismo da phrase. Consintam-me que eu analyse debaixo d'este ponto de vista tres quadrinhas, uma do Para, uma de S. Paulo e uma de Mato-Grosso, todas ellas ouvidas entre milhares de outras, quando, nas longas viagens nos ranchos de S. Paulo, nas solitarias e desertas praias do Tocantins e do Araguayá, ou nos pantanaes do Paraguay, meus camaradas ou os tripolantes das minhas canoás mitigavam com ellas as saudades das familias ausentes, ou as tristezas d'aquellas vastas e remotas solidões.

Comecemos pelo Pará, onde ouvi a seguinte:

Quanta laranja miuda.

Quanta florinha no chão

Quante sangue derramado

Por causa d'essa paixão.

Estas imagens desconexas, desde que sou applique a regra critica de que acima fallei, traduzem um pensamento profundamente poetico e expressado com grande energia, pensamento que, se tivéssemos de traduzir em nossa linguagem analytica. ficaria assim: «Essa paixão passou por mim e fez derramar tanto sangue como a tempestade, que derrama pelo chão as flores ainda pequenas e os fructos não sazoados».

Agora uma de S. Paulo:

Pinheiro, dá-me uma pinha;  
Roseira, dá-me um botão;  
Morena, dá-me um abraço,  
Que eu te dou meu coração.

Fazendo a mesma traducção que acima, as imagens, á primeira vista tão sem laço umas com as outras, agrupam-se para traduzir energicamente o pensamento do bardo semi-selvagem, que para nós seria redigido assim: «Um abraço teu, morena, é tão precioso como a pinha o é para o pinheiro, como o botão de rosa o é para a roseira; dá-me-o, que em troca dar-te-hei o que tenho tambem de mais precioso que é o meo amor».

Agora uma de Cuyabá, para mostrar que de uma extremidade a outra do Imperio o systema da poesia popular foi vazado no laconico, rude, mas energico molde do lyrismo selvagem:

O bichô pediu sertão;  
O peixe pediu fundura;

O homem pediu riqueza;  
A mulher a formosura.

Isto é: «a formosura é tão indispensavel á mulher, e a riqueza ao homem, como para o peixe é indispensavel a fundura das aguas, e para o animal selvagem a vestidão das terras interiores, a que chamamos sertão».

Ha sem duvida alguma, muita rudeza n'estas formas, mas em compensação, quanta novidade e energia de comparações!

Não cito estes exemplos como especimens de litteratura popular; n'esse catopo eu tenho em meus apontamentos de viagem elementos para escrever um livro; trouxe-os para mostrar o como, a par do cruzamento physico, a lingua e a poesia popular soffreram a energica acção do contacto d'essa raça; se me fôra dado entrar na analyse das superstições populares do Brasil, o leitor veria que essa acção do cruzamento revela-se em factos moraes muito mais extensamente, do que a principio parece a nós, que raramente nos dedicamos a observar estas cousas, porque, como diz um escriptor, quanto mais communs os factos, mais difficeis de observarem-se. Tenho porém necessidade de proseguir, estudando um assumpto mais importante.

Nós temos sido ingratos e avaros para com esses mestiços, que já concorrem em alta escala com o seu trabalho para nossa riqueza. Eu que tenho experi-

mentado a rara dedicação d'elles, por que devo duas vezes a vida a individuos d'essa raça, peço licença para examinar, mais detidamente, a sua influencia como elemento de trabalho e de riqueza para nossa terra. Ha ahi uma rica mina a explorar-se, tanto mais quando é hoje sabido, que a mistura do sangue indigena é uma condição muito importante para aclimação da raça branca em climas intertropicaes como o nosso.

Talvez que com os factos que passo a expender, comprehendamos que, ao passo que gastamos quasi esterilmente milhões com colonisação europea, é triste que figure em nossos orçamentos apenas 200 contos para utilizar pelo menos meio milhão de homens já aclimados e mais proprios, mesmo pelos seus defeitos e atrazos, a arcarem com os miasmas de um clima intertropical como o nosso, e com a salvageria de um paiz quasi ainda virgem, onde a raça branca não pôde penetrar sem ser precedida por uma outra, que arrote e destrua por assim dizer a primeira braveza de nossos sertões. E note-se que esses duzentos contos além de serem recentes, são nominaes; com selvagens não se despente a quinta parte, por quanto, é com a verba de catechese que se fazem conventos nos povoados das capitaes, e pagam-se congruas a missionarios que preferem as cidades e povoações christãs ás aldeas do selvagem,

#### RAÇAS MESTIÇAS COMO ELEMENTO DE TRABALHO

A experiencia, tanto aqui no Brasil, como nas republicas sul-americanas, demonstra que o nosso indio não se presta a genero nenhum de trabalho sedentario. No entretanto uma das maiores e das mais esperançosas industrias, que é a pastoril, vive na America do sul quasi que exclusivamente á custa do trabalho do indio, ou da raça mestiça, sua descendente, que conserva quasi os mesmos costumes, e as mesmas necessidades.

No sul do Imperio, as provincias, onde as industrias pastoris hão attingido a um grande desenvolvimento, são as de S. Pedro, Paraná, Mato-Grosso, Goyaz e S. Paulo. Se attendermos á circumstancia muito importante de que quasi todo o interior do Brazil é coberto de campos, que os matos são raros, que o velho mundo necessita mais de carne do que de café ou de assucar, e que as industrias pastoris são as que exigem menor numero de braços, menor emprego de capitaes, e maior extensão de terras, em comparação com outras industrias; se considerarmos ainda, que só ellas quasi que não necessitam de estradas para serem seus productos transportados a grandes distancias, ver-se-ha a immensa importancia que podem vir a ter os terrenos do interior do Brazil, desde que se fomite com methodo este genero de industria.

Quem viaja o interior do Imperio com algum espirito

prático de observação nota o seguinte: A lavoura só é sustentada em uma certa escala pela raça branca, com o braço do escravo negro, ou do mestiço do branco e do negro; que a industria pastoril, propriedade aliás da raça branca, é mantida com o braço indigena, ou com o mestiço do branco e do indigena.

Quem assiste pela primeira vez ás curiosas feiras de Sorocaba, ao passo que vir chegarem as grandes tropas de S. Paulo, do Paraná, do Rio Grande, do Estado Oriental e das outras republicas do Rio da Prata, ficará sorpreso da estranha conformidade que ha de notar no typo do vaqueiro. Aquelles homens, de longos cabellos pretos, tez bronzeada, cara quasi sem barba, grande caixa thoraxica, cabeça, pés e mãos pequenos, parecem todos irmãos, e antes membros da mesma familia, do que povos de regiões e ás vezes até de lingua diversa. O *caipira* de S. Paulo ou Pará, o *caburé* de Mato-Grosso ou de Goyaz, o *gaúcho* de S. Pedro ou das republicas do Prata, tem approximativamente os mesmos traços, e estes tão característicos que é impossivel aos olhos menos exercitados fixal-os com alguma attenção sem reconhecer n'elles a mesma raça.

O descendente do indio ou o mestiço do indio e do branco são o vaqueiro por excellencia em toda America do Sul, ou pelo menos nas partes que eu citei; porque outra cousa não é o *caipira* de S. Paulo e Paraná, o *caburé* de Mato-Grosso e Goyaz, ou o

*gaúcho* do sul. E nem ha n'este facto cousa alguma de estranhavel. Hoje, que a anthropologia tem estudado o homem natural, debaixo do duplo aspecto physico e moral, sabe-se que as diversas raças humanas só são productoras quando applicadas áquelle genero de trabalho, que está conforme com o periodo de civilisação em que ella se acha, periodo que não pôde ser transposto, ou invertido, sem destruir-se e quasi aniquillar-se a raça que se pretende passar por esta transformação; o estado actual do Brazil é fazer uma confirmação pratica d'este postulado da sciencia.

A sciencia assignalaria duas poderosas razões, pelas quaes o typo do vaqueiro na America do Sul é o indio ou seu descendente, e não é, e nem pôde ser, o branco. A cultura dos rebanhos de ovelhas, manadas de gado, ou lotes de animaes muares e cavallares, expõe o homem que se entrega a ella a uma acção mais directa dos agentes atmosphericos, do que aquelle que se entrega á agricultura propriamente dita, e muito mais, sem comparação alguma, do que aquelle que se dedica a industrias manufactureiras.

Supportará tanto mais facilmente a acção dos agentes atmosphericos, ou exhalações teluricas, aquella raça que mais aclimada estiver a ellas.

Ao passo que as raças aborigenes, expondo-se á acção d'esses agentes, não fazem mais do que seguir o curso natural d'aquelles velhos costumes, que pela acção do tempo as tornaram immunes para soffrer

com o seu contacto; a raça branca, que não goza da mesma immuniidade, por isso mesmo que é raça peregrina, expondo-se a ellas, entrega-se voluntariamente ou a uma causa de destruição, ou quando menos de degradação. Atire-se uma semente de qualquer planta peregrina no mais fertil de nossos campos e deixemol-a entregue a si mesma. Ella germinará, mas não dará fructo, suffocada dentro em pouco pela vegetação indigena. A planta, o animal, o homem, obedecem todos á mesma lei de aclimação.

Uma outra razão pela qual o trabalho do branco não pôde rivalisar com o do índio, ou do mestiço seu descendente, nas industrias que suppõe a vida nomade, é o gráo mais adiantado de civilisação em que se acha aquelle em comparação com este.

Se a civilisação torna o homem mais forte pela união com os seus semelhantes, e pela divisão do trabalho, torna-o tambem muito mais fraco, muito mais cheio de necessidades desde que se o isole da sociedade.

Qualquer de nós não poderia viver sem o trabalho de mais de cem de nossos semelhantes; as roupas, as casas, a comida, os objectos mais indispensaveis da vida, na nossa organisação social, dependem do concurso de tantos, que esta expressão: um homem que baste a si mesmo, é uma idéa que apenas pôde ser concebida pela imaginação, mas que não tem realidade.

Não acontece isto com o selvagem, nem com o seu

descendente. Quanto mais se isola tanto mais prepondera a sua superioridade.

O *caipira* de S. Paulo e Paraná, o *caburé* de Goyaz e Mato-Grosso, o *gaúcho* do Rio Grande, Uruguay e republica Argentina, são o vaqueiro, o pastor por excellencia, porque são descendentes d'aquella raça que está habituada á vida nomade.

Esse viver errante, passado em cima do cavallo, a correr campos, a estar sempre em contacto com a natureza, sentindo-lhe as impressões; as privações mesmo d'essa existencia que seriam insupportaveis para o branco; a necessidade de muitas vezes dormir ao relento; a de alimentar-se exclusivamente de caça, mel e palmito, o que, para quem não está habituado, equivaleria a um regimen de privações, são para o *caipira*, o *caburé* e o *gaúcho* outras tantas fontes de prazer, elementos de felicidade e alegria, que tornam para elle farta e regalada uma existencia que seria insupportavel para o branco.

Quem, viajando as provincias pastoris de Corrientes e Entre-Rios, tiver occasião de observar os preparativos com que um *gaúcho* se dispõe a fazer uma viagem de muitos dias, comprehenderá a grande razão economica que faz d'elle o typo insubstituivel do vaqueiro americano. Os mais cuidadosos levam um sarrãozinho de mate, uma garrucha, que é arma de defeza e de caça, um laço enrolado nas argolas da *silla*, um pouco

de fumo no bolso do cheripá; e a isto se limita a bagagem com que transpõe centenaes de leguas.

E' essa sobriedade que explica a existencia de exercitos como os de Lopez Jordán, e de outros caudilhos.

As industrias extractivas do norte estão no mesmo caso, e só vivem e medram porque existe o *tapuio*, e já representam nas provincias do Pará e Amazonas uma exportação de doze mil contos annuaes.

Quem visita uma canôa de *tapuios*, que saia do Pará para a safra da borracha, ficará tão sorprendido da sobriedade dos preparativos d'essa expedição, que pelo commum dura seis mezes, quanto aquelle que tem occasião de observar os preparos que faz o *gaúcho* oriental para suas viagens, e de que a-pouco fallei.

Na canôa destinada a servir-lhes de morada durante seis mezes, vêm-se alguns paneiros de farinha, que de ordinario não aturarão mais de oito dias, um pacote com algumas arrobas de pirarucú secco, sal, anzóes, armas de fogo, mais provisão de polvora do que de farinha, alguns molhos de fumo, violas e um adufo. Os preparos para uma viagem d'estas, em uma canôa que transporta toda a familia, de 10 a 15 pessoas, fazem-se com 30 a 40 mil réis; em quanto que o operario branco, com as necessidades filhas da civilização, não a realisaria sem despender centos de mil réis, e ainda assim sujeitando-se á privações a que raras vezes sua saúde resistiria.

Quem visita os seringaes da foz do Amazonas conhece logo á primeira vista, que é o *tapuio* e não o branco que foi creado para aquella vida. A barraca do regatão (é o nome do negociante branco) está provida de tudo; roupas, mantimentos, vinhos, licóres; elle colleccionou o que ponde para trocar pela borracha do *tapuio*; elle gosa de todos esses commodos, emquanto que a barraca do *tapuio* ou é a sua propria canôa ou é uma vasta choça levantada sobre seis ou doze forquilhas, aberta de todos os lados, e mal coberta com palmas de bossú ou inajá. Um veado, uma anta ou qualquer outro animal dependurado por uma perna de um dos caibros da casa, algumas mantas de peixes salgados, os utensilios para fabricar a borracha, que são um machadinho e panellinhas de argilla, algumas redes fumarentas atadas nos esteios da casa, as armas de fogo dependuradas dos mesmos esteios; raras vezes um pote d'agua, ou um peito de jacaré, para servir de cadeira, alguns arcos e flexas para apañhar peixe; eis o interior da casa do seringueiro, que na extracção da borracha, consegue um salario médio de 10\$000 por dia.

O branco no meio das florestas, com os commodos de sua civilização, é tão miseravel como o *tapuio* em nossas cidades com seu arco e flecha.

Se visitaes a barraca do branco, tereis occasião de avistar-vos com um ente pallido, quasi sempre inchado, doentio e triste, no meio d'aquella abundancia

que elle reuniu alli para negociar com o mameluco. Se visitaes a barraca do *tapuio* á tarde e depois do serviço, comprehendereis pelas cantigas ao som da viola, os contos alegres e historias animadas, como elle vive feliz e na abundancia no meio d'aquella pobreza, que para vós seria o cumulo das privações, e que para elle é a mais alta expressão da riqueza e da abundancia.

D'esta serie de factos resulta o estado de atrazo de civilisação de nossos selvagens; suas poucas necessidades não são defeitos senão para empregal-os em industrias sedentarias, para as quaes são completamente impróprios. Desde porém que, seguindo o methodo razoavel e unico productivo de empregar o homem n'aquillo que está conforme com seus habitos, se tratar de applicar o selvagem ás industrias pastoris e extractivas, industrias estas a que está reservado um grande futuro, elle se ha de prestar a ellas melhor do que qualquer das raças que habitam a America, como se está prestando.

O *caipira* de S. Paulo e Paraná, o *caburé* de Goyaz e Matto-Grosso, o *gaúcho* do sul e republicas platinas, e o *tapuio* do norte, que não são senão o indio americano, ou o mestiço seu descendente, representarão na producção da America do Sul um papel tão importante como o branco, desde que se attribua a elles os productos das industrias pastoris e extractivas, nas

quaes elles são o braço que trabalha, e portanto o instrumento principal de taes industrias.

A' vista d'estes factos, cujo exame está ao alcance de todos, e que já teriam sido observados, se nós não tivéssemos um gosto decidido para examinar as cousas da França, Inglaterra e Estados-Unidos, com preterição do estudo de nosso paiz e de nossas cousas; á vista d'estes factos, as pessoas que se occupam de resolver o difficil e importantissimo problema de braços para utilizar as riquezas quasi infinitas d'este solo onde tudo é grande, excepto o homem: á vista d'estes factos estou autorizado a concluir: o braço indigena é um elemento que não deve ser desprezado na confecção e preparo da riqueza publica.

Tem-se-me observado muitas vezes, que os norteamericanos, muito mais adiantados do que nós, não encontram outro meio de catechisar os seus selvagens senão o exterminio. Certamente que os Estados-Unidos são um grande paiz, e que tem muitas, muitissimas cousas em que nos são superiores. Mas d'isto não se segue, que, tudo que elles não poderam fazer, nós tambem o não possamos, e nem tão pouco que nos sejam superiores em tudo, porque, certamente que não o são. Poderam elles por ventura libertar os seus escravos sem derramar rios e rios de sangue? Não. Pois nós vamos libertando os nossos no seio da mais profunda paz e sem ver parar e nem ao menos entorpecer as fontes da nossa riqueza. Como notei acima, e esta

nota é de importancia capital, o braço indio não é productivo em industrias sedentarias; ou examine-se esta these perante a sciencia, ou empiricamente á luz dos factos e da experiencia, a conclusão é uma só. Onde quer que foi possível empregar o selvagem como caçador ou pastor, elle excedeu muito á raça branca, excedeu porque, como já reflexionei, seu proprio atrazo, suas poucas necessidades que constituem obstaculos invenciveis a que se elle adapte á industrias sedentarias, constituem tambem virtudes e qualidades de subido valor para todas aquellas que suppõe um viver nomade errante, e independente d'isto, que para nós são commodos indispensaveis, mas que para elles são peias e incommodos, tanto quanto para nós seria o adoptarmos seu genero de vida errante e selvagem.

Nós temos para utilizar o braço selvagem duas fontes de riqueza, em que elles hão feito suas provas, e nas quaes temos tirado resultados conhecidos: nossos vastos campos apropriadissimos como os de nenhum outro paiz do mundo as industrias pastoris; e nossas vastas florestas do Amazonas, Goyaz e Matto-Grosso, abundantemente providas de materiaes para utilizar milhões de braços nas industrias extractivas da borraça, cacáo, salsaparrilha, ipecacuanha, cravo, oleo de copahyba, e multidão de outras que já representam em nossa riqueza publica, uma somma de cerca de 15 mil contos de valor annual de exportação. Os norte-americanos estayam por ventura nas mesmas condi-

ções? Não, por certo; elles não podiam applicar o braço indigena senão na agricultura ou nas fabricas; o indigena não se podia prestar a isso, porque por uma lei traçada pela mão de Deus, e a que o branco esteve, e está sujeito tambem, elle não póde ser agricultor sem ter sido pastor e caçador.

O argumento pois dos Estados-Unidos nada prova. Os norte-americanos extinguiram seus selvagens; nós os sul-americanos havemos de aproveitar os nossos, como já os estamos aproveitando em escala muito maior do que parece a quem não tem viajado o interior, ou não presta a attenção devida á qualidade da raça que ministra os mais abundantes braços de trabalho para certas industrias. Se me fôra licito entrar aqui em um calculo da exportação que é na America do Sul devida ao braço selvagem ou ás raças mestiças, derivadas d'elle, ficar-se-ha sorprendido do elevado de sua cifra; talvez não represente nada menos de cem mil contos annuaes!

Deixemos, pois, de parte a experiencia dos Estados-Unidos e das possessões inglezas da America do norte; n'este ponto elles têm que aprender comnosco, e muito mais o terão desde que nos deliberemos a emprender n'este sentido um trabalho systematico e methodico, cujo plano peço licença a esta associação para resumidamente esboçar; e nem se me estranhe isto, porque é no seio das associações scientificas que na Inglaterra, na França e na Allemanha, se hão elabo-

rado as resoluções dos mais ingentes problemas praticos d'essas grandes nações.

Em escriptos anteriores, e nomeadamente em uma memoria que ha dous annos, li n'esta associação, mostrei que o primeiro elemento para collocar uma raça em contacto com outra é a communidade da lingua. Este é o primeiro passo de uma catechese regular.

Mas como conseguir que os brazileiros se dediquem a estudar linguas selvagens? Isto é impossivel; quando houvesse a boa vontade, faltariam os elementos para esse estudo; a pequena collecção que eu possuo em uma unica lingua custou-me muito dinheiro, e muito tempo.

Mas se não é possivel fazer os brazileiros estudarem as linguas selvagens, é possivel, é facil educar meninos selvagens que, continuando com o conhecimento da lingua materna, sejam nossos interpretes, o laço entre a civilisação aryana, de que nós somos os representantes, e essa civilisação aborigene que ainda não transpôz os limites da idade de pedra, e de que elles são os representantes.

Em 1871 creou-se n'este plano, e sob a protecção da serenissima princeza imperial, o collegio Isabel; estão ahí representadas hoje todas as tribus do Araguaya, nos 52 alumnos que conta. Figure-se mais 10 annos; representemos pela imaginação que em cada uma d'essa tribus, algumas das quaes são inteiramente barbaras, figuremos, digo, que o viagente que as

tiver de visitar encontra 10 ou 12 pessoas que fallem a nossa e a lingoa aborigene, que saibam ler e escrever, que sejam indigenas pela lingua e sangue, mas que sejam brazileiros e christãos pelas idéas, sentimentos e educação; não é muito provavel, pergunto, que essa tribu, seguindo as leis naturaes da perfectibilidade humana, se transforme sinão em tudo, pelo menos tanto quanto baste para começar a ser util? Parece que sim. A historia da humanidade dá testemunho de que as transformações dos povos só se hão effectuado aos impulsos de um homem de sua mesma raça.

Ou eu me illudo muito, ou os numerosos indios d'essa vasta região estarão utilizados em menos de 15 annos.

Avaliei as vantagens positivas, as que tocam a nossa riqueza como Nação e a importantissima questão de duas series de industrias que vão crescendo a olhos vistos, e cuja importancia foi tão sabia e proficientemente demonstrada pelo barão de Liebig, cuja perda a sciencia pratica da Europa tem tão amargamente chorado.

Sã considerarmos porém, que as grandes linguas americanas são uma pagina importantissima da historia da humanidade, porque hoje sabe-se que tudo se encadêa n'ella; e que, linguas religião, idéas moraes, nada é isolado na familia humana; se considerarmos que esta curiosa familia humana não tem ainda escripto a historia do homem do periodo de pedra; e que

o nosso aborigene é um homem d'esse período, o que equivale a possuirmos n'elle um livro de historia mais antigo talvez do que o Genesis ou os Vedas; se considerarmos o immenso interesse que resultará para a anthropologia, a sciencia das religiões e a linguistica de conhecimentos aprofundados d'esta velha familia americana, cuja civilisação como que parou ainda antes do periodo em que a raça aryana fez as suas primeiras irrupções para fóra dos grandes *plateaux* da Asia central; se considerarmos estas cousas, veremos, que uma instituição d'esta ordem, além de ser a solução d'um problema pratico, que o nosso interesse de brasileiros nos chama a resolver, será tambem uma importante resurreição d'um velho passado, no qual os grandes sacerdotes, os Calcas da humanidade, virão buscar a prophécia de mais d'um problema do futuro.

#### CONSEQUENCIAS FUTURAS DO CRUZAMENTO

A quantidade de sangue indigena que se tem misturado e confundido na nossa população do Brazil é maior do que commumente se pensa. Mesmo em algumas provincias do sul (S. Paulo, Minas, Paraná, Rio Grande) essa população mestiça é consideravel, e muito maior do que qualquer das provenientes puramente dos troncos branco e preto.

Ao passo que se remonta para o norte, o sangue indigena predomina os mestiçamentos até que, no

Ceará, Piauhy, Maranhão, Pará, Amazonas, elle corre mais ou menos misturado nas veias de cerca de dous terços da população.

Para bem avaliarmos a extensão dos cruzamentos no Brazil, podemos tomar sem receio de exaggeração o algarismo de cinco milhões de brancos, pretos ou mulatos, cruzados com aborigenes. Se ha erro n'este algarismo é para menos e não para mais. (1)

O Sr. Quatrefages, diante d'este extenso cruzamento, pergunta: «Qual será o resultado em relação á especie humana d'esta fusão de sangue, operada em tão alta escala no immenso cadinho da America?»

Depois de estudar a opinião dos diversos escriptores que se hão especialmente occupado d'essas questões (dos quaes alguns sustentam que a especie humana perderá com o cruzamento, porque a raça branca, incontestavelmente a melhor que existe, ficará degenerada), conclue, que o resultado final será benefico para a humanidade; nós accrescentaremos que será benefico tambem para o Brazil.

Sem poder entrar agora em um longo desenvolvimento do assumpto, porque só esta parte exigiria uma memoria tao extensa como a que escrevemos, não me dispensarei, comtudo, de citar alguns factos e leis naturaes que confirmam, para nosso paiz, a consoladora previsão que a sciencia deduz d'estes cruzamentos.

Em primeiro lugar: Deus organisou a vida com leis

(1) Metade da população de  
outros 10 milhões. p. pag. 102.  
3 milhões de estrangeiros (2). pag. 103

tão sabias e inflexíveis, que não é possível suppôr-se que taes cruzamentos fossem fecundos; si a Providencia Divina não tivesse em vista um melhoramento e um progresso na especie. E' sabido que, desde que os organismos dos seres vivos têm entre si differenças especificas, ainda que seja fecunda a união dos dous, os filhos são estereis. Para não' recordar senão um facto, que é muito vulgar entre nós, eu citarei o exemplo do cruzamento entre o cavallo e o jumento, cruzamento perfeitamente fecundo, ao passo que os híbridos resultantes d'esta união tornam-se infecundos e são incapazes de reproducção entre si. Ora, tanto o mulato, como o mameluco e o cafuz, não só gozam da faculdade da reproducção, como parecem possuil-a em maior extensão e desenvolvimento do que as raças puras de onde provêm. E d'este facto resulta que a differença entre os troncos humanos é accidental, sem o que os filhos se não reproduziriam; e que, se essa differença torna-se importante quanto aos phenomenos intellectuaes, não deve ser lançada á conta das raças e sim á falta de educação, pobreza, clima e todas essas que os naturalistas capitulam com o nome de *accção dos meios*. Hoje está averiguado que existem raças perfeitamente brancas, que ainda estão no periodo da idade de pedra, e, portanto, iguaes em civilisação a nossos selvagens, e inferiores aos negros do Haity e S. Domingos.

Os troncos humanos não morrem; transformam-se.

A unica transformação que vinga e predomina é aquella que fica mais em harmonia com as circumstancias locaes em que se têm de exercitar as diversas e variadissimas funcções da vida. E' isto o que se dá com os homens e com os animaes em toda a parte, e é isto o que terá lugar com o Brazil. Não só o bom senso indica *a priori* esta opinião; ella resulta igualmente dos factos que já podemos observar em nossa curta historia do Brazil; digo curta, porque: *natura non facit saltum*, e suas transformações são lentas e não se completam senão no decurso de muitos seculos.

Mas, não seria melhor que o Brazil fosse povoado só por brancos? Para responder sensatamente a esta pergunta é necessario ter em consideração diversos factos e leis physicas.

E' cousa averiguada que a aptidão para a aclimação em um paiz quasi todo intertropical não é igual para todos os troncos. O negro resiste melhor ao calor do que o branco; o indigena se deve considerar como um termo medio entre esses dous extremos. Em 1857, viajando eu de S. Paulo para Minas, succedeu que pousassem comigo no mesmo rancho uma familia de colonos allemães, recentemente chegados, e um comboi de escravos pretos idos do Rio de Janeiro. Enquanto os pretos se reuniam ao pé do fogo para aquecerem-se ao seu calor — os allemães suavam e pereciam suffocados de calor dentro do rancho. Este contraste de sensações oppostas, produzidas pelo mesmo grão de

temperatura, indica bem claramente a aptidão de cada tronco para habitar paizes quentes ou frios.

Um facto, que terá sido observado por todos, é a prompta degradação da raça branca no Brazil, sobretudo nas cidades do littoral, ou nos lugares onde abundam miasmas paludosos. Na provincia de Goyaz existe uma grande região, conhecida com o nome de *vão do Paraná*, onde só o negro, o mulato e o mame-luco podem viver; o branco, que alli fór residir, morre cedo ou tarde de febres paludosas; a cidade de Mato-Grosso, na provincia do mesmo nome, está tambem n'esse caso; a acção deleteria do clima tem alli extinguido a raça branca. Nos vastos seringaes da provincia do Pará, ao passo que o negociante branco (o regatão) não vive alli alguns mezes sem voltar inchado, pallido e anemico, o *tapuió* medra, cresce e multiplica-se.

*Mens sana in corpore sano*, é a regra geral, se não o principio da superioridade intellectual. A raça branca pura, na terceira ou quarta geração, sobretudo nas cidades do littoral, dá apenas descendentes magros e nervosos, ou gordos, de carnes e musculação flacidas, e de temperamento lymphatico; se, sem robustez physica, a intelligencia não é sã — a raça branca não póde conservar sua superioridade sem estes cruzamentos providenciaes que, no decurso do tempo, lhe hão de communicar esse grão de força de que ella necessita para resistir á acção deleteria do clima de nossa terra.

Os estudos a este respeito tem descido já a grandes minuciosidades, e sabe-se hoje, que o melhor mestiço é aquelle que resultar do tronco branco, no qual se haja infiltrado um quinto de sangue indigena.

Não devemos conservar pois apprehensões e receios a respeito dos futuros habitantes do Brazil. Cumpre apenas não turbar, partindo de prejuizos de raças, o processo lento, porém sabio, da natureza. Nosso grande reservatorio de população é a Europa; não continuamos a importar africanos; os indigenas, por uma lei de selecção natural, hão de cedo ou tarde desaparecer; mas, se formos previdentes e humanos, elles não desaparecerão antes de haver confundido parte do seu sangue com o nosso, communicando-nos as immu-nidades para resistir a acção deleteria do clima inter-tropical que predomina no Brazil.

S. Agostinho dizia: *Deus é tão grande nos arcanos de sua providencia, que não permite o mal senão porque d'elle sabe derivar o bem*; quer isto dizer: nós julgamos muita vez que uma ordem de factos é um mal, porque a fraqueza de nossa intelligencia não póde alcançar as consequencias finaes, que são ordinariamente o bem; certamente que os systemas e prejuizos humanos perturbam e demoram muitas vezes a acção benefica da natureza; mas ella vence afinal, e a lei natural que é lei de Deus, a despeito das convenções humanas, marcha e tem sempre uma realização completa e plena.

\* Aqui no Brazil as raças mestiças não apresentam

inferioridade alguma intellectual; talvez a proposição contraria seja a verdadeira, se levarmos em conta que os mestiços são pobres, não recebem educação, e encontram nos prejuizos sociaes uma barreira forte contra a qual tem de lutar antes de fazer-se a si uma posição. De mais, nosso exercito e armada, com a lei arbitraria do recrutamento (11) (pagina escura da nossa historia, que cumpre eliminar quanto antes, porque é uma causa de desmoralisação, que abala a sociedade pelo mais poderoso de seus laços de união, que é o respeito a liberdade individual), perturba profundamente a paz das familias, e pesa quasi que exclusivamente sobre o mestiço. E nem se diga, que a quantidade da contribuição de sangue é tão diminuta, que razoavelmente não se deve augurar que essa causa de perturbação possa influir para retardar o desenvolvimento da população crioula. Cumpre não julgar estas cousas por alto, e pensar nos factos positivos e nos allegarismos antes de pronunciar taes juizos, que não podem ter valor senão tanto quanto são o resultado consciencioso da observação e dos factos. Quem examinar isso, verá as grandes e poderosas razões que levaram o governo a chamar a attenção do parlamento para essa lei, cuja reforma elle compendiou entre as mais urgentes. E com effeito, se considerarmos o Brasil com uma população de 10 milhões de habitantes, e se virmos que não estão de facto sujeitos ao recrutamento 2

(11) Já está felizmente revogada.

milhões de escravos, 3 milhões de estrangeiros, 3 milhões e quinhentos brancos ou mestiços ricos nacionaes, resta uma população de 2 milhões, dos quaes, se deduzirmos a metade para o sexo feminino, um terço para homens inferiores a 18 annos, ou maiores de 40, um 7% para incapazes do serviço por molestia ou defeitos physicos, um 7% para os que se empregam em profissões que os isentam do imposto de sangue, resta apenas uma população de 421 mil habitantes, que é annualmente perturbada e esmagada por essa lei, cuja acção seria insensivel, se fôra repartida por toda massa dos habitantes do Brasil.

Tendo em conta estas causas que impedem a educação pela pobreza, que obstem á riqueza pela perturbação profunda do trabalho á aquelles que, para adquirir-a, não têm senão seus braços, pôde-se por ventura affirmar, que as raças mestiças no Brasil apresentam inferioridade de caracteres intellectuaes e moraes aos da raça branca? Creio que não. A Bahia é das provincias do imperio aquella em que a raça branca mais intimamente se cruzou com a negra; o desenvolvimento intellectual n'essa provincia é um dos mais intensos do imperio.

S. Paulo e Maranhão são as provincias em que a raça branca se cruzou mais profundamente com a indigena; S. Paulo está na vanguarda dos melhoramentos materiaes, e seria injusto aquelle que desconhe-

cesse, que a provincia do Maranhão, attenta a sua população e recursos, é a que representa o mais energico movimento litterario do Imperio.

Nosso futuro por este lado é cheio de esperanças; não o perturbemos com guerras. A geologia nos ensina que no mundo physico a acção do fogo foi sempre perturbadora; produziu essas grandes serras de granito que encantam a vista, mas que são tão esteréis como as glorias das armas o são no mundo moral; os campos fertéis, as regiões privilegiadas, foram filhas dos tempos de paz em que as aguas elaboraram lentamente os continentes. Tomemos nós brasileiros essa lição da natureza: e já que somos a maior região physica da America, procuremos ser também a maior nação moral, não pela acção do fogo, mas pelos lentos e methodicos trabalhos das artes, da economia e das sciencias que são absolutamente incompatíveis com as esteréis glorias das armas, quer se as alcance em paizes estrangeiros, quer venham tintas com o sangue de nossos patricios.

## FAMILIA E RELIGIÃO SELVAGEM

*Elementos moraes para classificação: familia, monogamia, polygamia e relação do homem com a mulher, entre os selvagens do Brazil. Religião selvagem. Instincto religioso. Idéa de Deus. Systema geral da theogonia tupi. Sentimento de gratidão para com o creador. Immortalidade da alma. Transfigurações. Lenda sobre Mani, que concebe em estado de virgindade. Nomenclatura dos deuses selvagenes.*

Não são os caracteres physicos e sim os moraes, que entram como elemento principal em uma boa classificação anthropologica. Segundo as regras fixadas pela sciencia, o instincto religioso de cada raça é um elemento muito importante; e, se não é o primeiro, é pelo menos um dos mais decisivos para tal mister. Não é a força physica, a belleza, a gentileza da fórma, que constituem, como entre os irracionaes, a superioridade de uma raça humana sobre outra, assim como não são as qualidades physicas que constituem a superioridade de um homem sobre outro.

Ha, sem duvida alguma, certos laços entre as perfeições das fórmas e os dotes moraes, que não se podem contestar; sobretudo ha certos limites que não podem ser excedidos impunemente: é assim que raras

vezes um anão será um homem intelligente. A' parte, porém, os extremos limites que não podem ser ultrapassados impunemente, nada ha nas fórmas phisicas do homem, que indique, com certeza, superioridade. Partindo d'esta regra, cuja verdade é incontestavel, sogue-se que aquellas classificações, que se limitarem a caracteres phisicos, serão destituidas de importancia, porque omittirão justamente o que o homem tem de mais característico, que é sua natureza intellectual e moral.

Os mestres da sciencia prestam particular attenção ao sentimento de sociabilidade e ao sentimento religioso. Nós trataremos, pois, de estudar n'este capitulo as manifestações d'esses sentimentos entre os nossos selvagens. Este estudo é difficil por ser necessario evitar com igual cuidado, tanto o desdem, tão natural ao homem civilisado quando vai apreciar instituições bárbaras; como o sentimento, não menos natural ao coração humano, de exagerar as vantagens de um estado de cousas qualquer, só porque o não conhece, e suppre, por um ideal da propria imaginação, aquillo que elle não sabe como é em realidade. Temos, pois, de evitar com igual cuidado as suggestões pessimistas, assim como o dominio do romance e da poesia.

#### PREJUIZOS ANTIGOS

O interesse é na historia um máo conselheiro.  
Tanto os conquistadores hespanhóes e portuguezes,

como os jesuitas, consideraram o selvagem um instrumento de trabalho, uma especie de mina, cuja exploração disputaram encarniçadamente. Tudo quanto elles escreveram respeito ao selvagem americano a não serem as primeiras impressões de viagem é dominado por esse pensamento fundamental.

Tanto a respeito da familia selvagem, como das religiões, merecem-me pouca fé os escriptores antigos. Estava nos interesses dos conquistadores deprimir o mais possivel a raça conquistada; com effeito só assim elles podiam legitimar os medonhos actos de barbaria que commetteram.

Para poder matar o indio, como se mata uma fera bravia, para poder tomar-lhes impunemente as mulheres, roubar-lhes os filhos, crial-os para a escravidão, e não ter para com elles lei alguma de moral e nem lhes reconhecer direitos, era mister acreditar que nem tinham idéa de Deus, nem sentimentos moraes ou de familia.

A historia fará algum dia plena justiça a essas asserções.

Por outro lado, os padres jesuitas antigos, que com o serem grandes homens, nem por isso deixavam de ser homens, participaram em grande parte dos defeitos de seus contemporaneos. N'aquelle tempo a crença no poder do espirito maligno era tão grande, que Sata-

naz representava na vida humana um papel quasi tão importante como o do proprio Deus.

Não se entendia, como nós hoje entendemos, que nada apparece na humanidade que não seja a consequencia infallivel de uma lei moral estabelecida pelo Creador. Toda e qualquer manifestação religiosa era, pois, segundo as idéas do tempo, uma inspiração do diabo, um culto prestado ao espirito das trevas. Impellido por estes dons poderosos moveis, comprehendese quantos erros não commetteram os primeiros historiadores, e a desconfiança com que devem hoje ser lidos seus escriptos.

Feitas estas reservas, eu entro no estudo do primeiro ponto, isto é :

#### FAMILIA SELVAGEM

Tendo eu recusado o testemunho dos escriptores antigos, o que passo a referir é filho da propria observação, ou de testemunhos insuspeitos recolhidos nas localidades, no decurso de longas peregrinações que tenho feito nos ultimos dez annos pelo interior do Brazil.

Em minhas viagens tenho já estado em mais de cem aldeas de selvagens. Conheço cerca de trinta tribus, constituindo dez nações indigenas, algumas já meio

civilisadas, outras ainda inteiramente extremes de qualquer participacão de nossas instituições, idéas e preconceitos.

De minhas observações tem resultado sempre que, na familia indigena existem : desde as instituições rigidias e de uma severidade de costumes que excedem a tudo quanto a historia nos refere, até a communhão das mulheres. Refiro-me ao indio que não está catechizado, porque este é, por via de regra, um ente degradado ; ou seja que o systema de catechese é máo, ou seja que o esforço dirigido especialmente para conseguir um homem religioso, se esqueça de desenvolver as idéas eminentemente sociaes do trabalho livre, ou seja outra qualquer causa, o facto é este : o indio catechizado é um homem degradado, sem costumes originaes, indifferente a tudo, e, portanto á sua mulher e quasi que á sua familia. Os aldeamentos indo-christãos não têm, pois, costumes originaes : sua familia é a familia christã, mais ou menos moralisada, segundo o caracter individual do catechista.

Dissemos, porem, que os selvagens, que estão fóra do contacto de nossa civilisação, apresentam nas relações do homem com a mulher todos os typos, desde a communhão de mulheres até uma severidade desconhecida nas sociedades christãs. E' assim que conheço tribus onde não ha casamentos, assim como conheço outras em que a mulher adultera é punida

com a pena da fogueira; e como taes instituições possam parecer estranhas, eu necessito de justificar-as com factos.

#### COMMUNISMO ENTRE OS CAHYAPÓS

Não se entenda por communismo de mulheres alguma cousa de semelhante á prostituição. Aquelle é um modo de familia de que a raça branca tem um exemplo notavel entre os espartanos; esta é a negação da familia.

E' tão importante esta distincção para bem comprehender-se a familia selvagem, quanto é certo que n'aquellas mesmas tribus, onde ha esse communismo, as prostitutas são tidas em grande desprezo; o que seria impossivel se as duas cousas se equivalessem.

Os *Cahyapós*, que me parecem ser a mais numerosa tribu dos *plateaux* centraes do Brazil, são um exemplo d'esta instituição.

Estes indios, subdivididos em tribus poderosas, debaixo dos nomes de *Cahyapós*, *Gradahús*, *Gorotirés* e *Carahós*, estendem seu dominio desde as florestas da provincia do Paraná, Matto-grosso, Goyaz, Maranhão, até o Pará, onde, sob o nome de *Gorotirés*, possuem fortes aldeamentos á margem do Xingú.

A's margens do Araguaya elles entraram, ha poucos annos, em relação connosco, e têm seus aldeamentos nas setenta leguas que medêam entre o rio Tapyrapé e a Cachoeira-Grande, margem esquerda do Araguaya,

com uma população que orça, mais ou menos por dez mil homens, sendo actualmente governados por tres chefes intelligentes e aguerridos, de nomes *Manahó Kamecran*, não me occorrendo agora o nome do terceiro. Não trato, pois, de uma pequena tribu, e sim de uma grande e poderosa nação.

O communismo de mulheres entre elles consiste no seguinte: a mulher, desde que attinge á idade em que lhe é permittido entrar em relação com o homem, concebe daquelle que lhe apraz. No periodo da gestação e amamentação é sustentada pelo pai do menino, o qual pôde exercer igual encargo para com outras, as quaes, durante periodos identicos, moram na mesma cabana. Desde que a mulher começa a trabalhar é livre de conceber do mesmo homem, ou pôde procurar outro, passando para este o encargo da sustentação da prole anterior. Notarei que entre os selvagens o menino começa a cuidar da propria subsistencia desde os dez annos, sendo comtudo auxiliado pelos parentes até que baste a si mesmo.

Os selvagens são em geral mui caridosos para com todos os meninos, inclusive para com os de tribus inimigas que tomam na guerra, aos quaes criam como como se foram proprios.

Este modo de entender as relações do homem com a mulher, isto é, fazêl-as exclusivamente depender da vontade dos dous, pôde ter e effectivamente deve ter grandes inconvenientes. Quaesquer, porém, que elles

sejam, não é a prostituição; é um modo de ser da família, que elles julgaram melhor, segundo suas idéas e meios de vida.

#### EXCLUSIVISMO DOS GUATÓS E CHAMBIOAS

Tomarei agora dous typos diversos: os *Guatós* na bacia do Prata, e os *Chambioás* na do Amazonas.

Os *Guatós* do Paraguay brasileiro são um typo exagerado dos direitos do homem sobre a mulher. Estes *Guatós* são os indios que habitam os immensos campos palludosos do Alto-Paraguay, S. Lourenço e Cuyabá; a região de sua residencia se estende, pela margem direita do Paraguay, até a bahia denominada por nós *Gayba* (o que se diria correctamente *Yngahyba*, que quer dizer lugar de arvores de ingá); pela margem direita até a bahia a que chamamos *Chanés* (o que correctamente se deveria dizer *Echmé*—de *echa*, vér, e é, destreza, desembaraço, e que traduziamos pelo circumloquio portuguez *Bella-Vista*, lugar descampado); pelo Paraguay arriba suas habitações vão até o morro do *Descalvado*; pelo S. Lourenço até a confluencia do *Cuyabá*; e por este até dez leguas ao sul do ponto do *Cassange*. Pelos limites que acabo de traçar, vê-se que não tratamos de uma pequena tribu; e, se bem que não possamos nem de longe avaliar a sua população, comprehende-se, pela área que occupa, que tratamos de uma grande nação, dividida talvez em muitas tribus, o que por emquanto não sabemos, porque

habitando e'les montes isolados em meio d'aquelles vastos pantanaes, occupam por esse só facto uma região pouco accessivel; e o que dizemos de seus costumes ou nos foi referido pelos officiaes fugitivos de Coimbra, ou pelo que pudemos observar, quando, para evitar a vigilancia das forças paraguayas na occasião em que as iamos atacar, tivemos necessidade de fazer nossas marchas em centenaes de canoas, por pantanaes conhecidos por elles, e onde nos foram de grande e valiosissimo soccorro, já indicando lugares de descanso no meio d'aquellas immensas paludes, já guiando á nossos soldados o caminho n'aquella emmaranhadissima rêde de canaes. O *Guató* não é monogamo: tem uma, duas ou tres mulheres, segundo a agilidade que mostra na caça, pesca e colheita dos diversos fructos que constituem a basè de sua alimentação. Parece, pois, que não liga idéa alguma de moral a este facto, que elle regula segundo suas forças physicas, e principalmente segundo a capacidade de alimentar a familia. Nem conheço as diversas ceremonias de que usa para realisar o casamento, porque, quando estive em Mato-Grosso, andava com o espirito muito preocupado para podel-as observar, e nem mesmo viria aqui á pello mencional-as (12).

(12) Eu occupei a presidencia da provincia de Matto-Grosso durante os dois ultimos annos da guerra do Paraguay, e alli tive de lutar contra tres inimigos que absorveriam a attenção de qualquer: os paraguayos, a peste e a fome.

O que interessa á minha these é o recato das mulheres; se uma *Guató* nos trazia um peixe, uma caça, uma fruta silvestre, ou para obedecer á ordem do marido, ou para procurar obter um objecto nosso que cu-  
biçava, fazia-o sempre com os olhos fitos no chão e voltados para seu marido.

Se nossos officiaes entravam de sorpresa em alguma cabana, as mulheres, de ordinario assentadas no chão sobre suas esteiras, lhes davam as costas, e viravam-se todas para o marido ou pai de familia, e continuavam o seu serviço sem dizer uma palavra, sem manifestar a tão natural curiosidade de vêr aquella grande porção de canoás e de homens armados, que passavam por uma região até então virgem de outros que não fossem elles mesmos. Este profundo e exagerado recato das *Guatós* foi geralmente notado sempre pelas forças, onde, reinando o espirito de libertinagem proprio aos acompanhamentos militares, eram todos accordes em dizer, que entre os *Guatós* se não consentia genero algum de prostituição. Comprehende-se que, diante de taes sentimentos, nenhuma offensa será sentida tão dolorosamente pelo *Guató* como um desacato á sua familia. Conserva esse povo até hoje grande animosidade contra os hespanhões; e um velho pratico refiria-me sempre, como se fôra passado poucos dias antes, um roubo que os hespanhões haviam feito de mulheres *Guatós*, e que talvez já datasse de mais de cem ou duzentos annos.

Para elles os paraguayos continuam a ser castelhanos, assim como nós continuamos a ser portuguezes. Quem sabe se não foram essas mulheres, roubadas ha tanto tempo, a razão da extrema fidelidade que nos guardaram sempre esses selvagens que, forçados desde o principio da guerra a passar muitas vezes pelas rondas paraguayas nunca denunciaram nossos movimentos ou presença nem por gesto? O Dr. Carvalho, distincto medico do exercito, que, acossado pelo inimigo no combate do Alegre, viu-se obrigado a refugiar-se entre os *Guatós*, que com elles errou por muito tempo, e que, portanto, teve o espaço e vagar para notar seus costumes, insistia em suas narrações sobre o singular recato, modestia e honestidade da familia *Guató*.

Tomemos agora um outro typo mais severo ainda do que o *Guató*, e na bacia do Amazonas, o *Chambioá*. Os *Chambioás* com os *Carajas*, *Curajahis* e *Javaés*, formam uma sô nação, com sessenta ou oitenta aldeás espalhadas á margem do rio Araguaya, desde o furo Bananal até as Intaipabas (*itaypabe*, agua que corre sobre pedregal), o que mede uma extensão de 120 a 125 leguas, e com uma população de cerca de sete a oito mil individuos. Entre esses indios ha dois factos nimiamente curiosos nas instituições que regulam as relações do homem com a mulher.

O primeiro d'estes é o haver nas aldeás homens destinanos a serem *viri viduarum*. Esses individuos não têm outro mister; são sustentados pela tribu, e não

se entregam, como os outros, aos exercicios das longas viagens e peregrinações, que todos fazem annualmente, embora revesando-se.

Esta singular casta, sustentada pelos outros, despertou-me a curiosidade; e tendo eu pela primeira vez notado o facto em uma aldeia, cujo capitão era homem muito intelligente, de nome *Coinamá*. tive occasião de notar-lhe que me não parecia justo, que a aldeia carregasse com o sustento d'esses homens. Elle retorquiu-me que a paz de que gozavam as familias, e de que não gosariam a não serem aquelles individuos ou antes essa instituição, compensava de muito o trabalho que pesava sobre os outros de sustental-os. A respeito da severidade de suas leis, quanto ao adulterio, referiu-me mais de uma vez o venerando Fr. Francisco do Monte de S. Victo, que estes *Chambodás* queimavam as mulheres adúlteras. Eu nunca tive occasião de verificar este facto por propria observação (13)

#### IDADE PARA O MATRIMONIO

Todas as tribus impedem com grande cautela, e algumas até com a severidade extrema da pena de morte, a união dos dois sexos antes da completa puberdade da mulher, sobretudo do homem. Assegu-

(13) Este Fr. Francisco é um velho e venerando missionario capuchinho, que aldêou os *Apinagés* da Boa-Vista, e que reside hoje em Santa Maria do Araguaya, onde é o superior dos capuchinhos.

rou-me Fr. Francisco, que a virgindade do homem era por via de regra mantida até a época do casamento, e que este não era tolerado antes dos 25 annos, sem que comtudo seja isso o ordinario: o casamento é commummente depois dos trintá.

A principal razão que dão os selvagens para isso é a força e energia da prole, e a força e energia da prole é cousa muita mais importante em uma sociedade barbara e rudimental, do que entre um povo civilisado, como é facil de avaliar; a tribu que, por falta d'estas instituições, deixar a raça abastardar-se, é uma tribu vencida; sem armas de fogo, sem os diversos recursos que uma cultura mais andiatada pôde trazer á arte da guerra, vence aquella tribu, cujos individuos dispozerem de mais forças phisicas: por aqui comprehende-se o papel importante que representa esse elemento em taes sociedades. Não é só isso. Entre nós, um menino fraco e mal conformado pôde vingar á custa de cuidados, e em geral da ausencia absoluta de privações a que está sujeito n'essa idade. N'uma sociedade barbara, porém, onde não é conhecido a uso do sal, onde se não podem encheirar os alimentos—a fome, as intemperies de que não são protegidos, nem pelas roupas, de que não usam, nem por aquellas choupanas, verdadeiros rudimentos de morada; as peregrinações forçadas, ou pelas estações, ou pela necessidade de buscar alimentos, são outras tantas causas de eliminação a que não poderiam resistir os meninos fracos e mal conformados. O instinto

pois, da propria conservação, o orgulho, o amor paterno e materno, vêm em auxilio do sentimento de honestidade, para fazer do indio um homem, pelo commum, mais moral do que o christão civilizado.

A opinião contraria ou é fundada em observações superficiaes, ou assenta-se em factos isolados, que entre nós, assim como entre elles, existem; mas não podem, sem imprudencia e notavel erro, ser elevados á categoria de regras geraes. A consequencia que devemos tirar dos factos é esta: a familia selvagem é tão respeitavel como a christã, dadas as circumstancias de costumes, religião e meios de vida de nossos indios.

A prostituição, que se nota em tão alta escala nas aldéas fundadas por nós, é a consequencia forçosa do aldêamento, o qual, trazendo a vida sedentaria a homens que não têm as artes necessarias para viver n'ella, sujeita-os á cultura da terra para obterem um alimento inferior para elles, ao que com menor trabalho conseguiriam na caça e na pesca, emquanto podessem livremente entregar-se a ellas na vida semi-nomade a que estão habituados. D'ahi o desgosto, a preguiça, a ociosidade, que forçosamente corrompem tudo e cream a prostituição, a embriaguez e outros vícios.

No estado selvagem a familia indigena é o que deve ser: a expressão exacta das necessidades sociaes, que ella sente no gráo de civilisação em que se acha.

E' pois tão digna de respeito como a nossa, e não pôde ser alterada senão depois de incutirmos-lhe nossas

idéas e necessidades; e o primeiro passo para isso é aprender a sua lingua, para podermos ensinar a nossa, e com ella nossas idéas.

Como já observei, os modernos catechistas não aprendem as linguas indigenas. Já ouvi a um d'elles sustentar convencidamente a opinião de que nossos selvagens eram *incatechisaveis por serem descendentes de Caim*. A experiencia dos jesuitas em ambas as Americas prova o contrario.

Em vez de explicação genealogica, me parece muito mais notavel afirmar-se, que é impossivel trazer um homem qualquer ás nossas idéas, desde que nos falte o meio de fazel-as conhecidas a esse homem, seja elle filho de Caim ou de Abel. Se um derviche do Japão viesse prégar entre nós sua religião, não encontraria provavelmedte quem lhe quizesse ouvir os sermões emquanto elle os prégarasse na lingua japoneza.

Quando Deus quiz propagar o christianismo não se satisfez que os apóstolos o pregassem no dialecto syro-chaldaico que fallavam: fez baixar sobre elles o Espirito-Santo, afim de que podessem fallar todas as linguas. Se os apóstolos, que tinham mais força, porque receberam a missão directa da propagação da fé, o não deviam conseguir senão por intermedio das linguas falladas pelos povos pagãos; se isto é ensinado pelo Espirito-Santo, que é a propria sabedoria, como é que aquelles que se afastam do caminho ensinado por

Deus se espantam de não chegar ao ponto a que elle se dirige (14)?

Todos nós brasileiros, creados nas fazendas do interior das provincias, sobre tudo nas vizinhanças dos pequenos arraiaes compostos de populações mestiças de indios, fomos, desde a infancia, embalados no meio das tradições da religião dos selvagens.

Tempo houve na vida de todos nós, em que o Deus dos christãos foi tão venerado e tão temido quanto os deuses selvagens. Se nossas mãis nos adormeciam muitas vezes com canticos que recordavam a infancia da Virgem Maria, ou o nascimento de Christo, nossas amas de leite nos contavam as historias do *Saci Cerêre*, narravam-nos o como um certo menino havia sido desencaminhado nos bosques pelo *Curupira*; o como um velho tal, que caçava nos domingos, sem ouvir missa, fôra impellido pelo *Anhangá* a precipitar-se em um abysmo; o como uma lavadeira de roupa tinha avistado no fundo dos poços o *Unutara*, e tantas outras historias, que não são senão os fragmentos da theogonia aborigene, que, desde pequenos nos foi ensinada, e

(14) Tínhamos escripto este capitulo quando nos chegou ás mãos o noticioso relatório com que o Sr. Cardoso Junior abriu a assembléa de Mato-Grosso no anno passado. N'este documento, onde encontramos curiosas informações sobre as tribus selvagens de Mato-Grosso, se lê que a nação *Guató*, de que nos occupamos atraz, está hoje quasi extincta por uma peste de bexigas que a assolou.

V. pag 137 - Nanyana

na qual, como disse, tempo houve em que todos nós acreditamos.

Ainda hoje, não ha talvez um só caipira de S. Paulo, ou um *bruaqueiro* de Minas, á quem possaes dizer, que é um ente imaginario o *Saci Cerêre*, que elle julgou encontrar por deshoras junto a alguma porteira, que lhe saltou na garupa, ou que lhe fez alguma outra tropelia.

As crenças e superstições indigenas passaram todas para o nosso povo, e os deuses dos *Tupis* vivem ainda em nossos campos, vida tão real como a que lhes davam os aborigenes, no tempo em que seus *pagés* (e não *piagas*) os adoravam: escrever pois a theogonia tupi, é quasi que escrever até um certo ponto as crenças de nosso povo, aquillo em que cada um de nós acreditou até os 10 ou 14 annos.

Não me occupando eu, porém, de escrever uma monographia a respeito da religião indigena, e, não devendo tomar d'este assumpto sinão a parte que tem ligação immediata com a anthropologia, eu limitarei este paragrapho a registrar apenas aquillo que diz respeito a estas tres idéas capitaes: sentimento de gratidão para com o Creador, immortalidade da alma, theoria de penas e recompensas; começando por dar uma idéa geral do como era concebida pelos selvagens a noção de Deus.

#### CONCEPÇÃO DA DIVINDADE

Examinando esta questão de religião como natura-

lista, isto é; sem sahir nunca do facto observado e natural, o que a historia nos apresenta é o polytheismo precedendo ao monotheismo.

Se os indios da Asia conceberam o seu Brama, e os hebreus o seu Jehovah, Deus unico em substancia, se bem que trino em suas manifestações; os progressos hoje do sanscrito e do estudo das antiguidades do Oriente, já tem feito recuar muito para traz a epocha da civilisação humana; de modo que nada hoje nos autorisa a pensar que o Brama dos Vedas, ou o Jehovah da Biblia, tivessem sido a primeira concepção que esses povos fizeram de Deus; é muito natural que essas idéas elevadas, e que já revelam tanta força de abstracção, tenham sido precedidas de idéas toscas e grosseiras, como foram aquellas pelas quaes todos os outros povos marcharam, lenta e successivamente, até a posse d'essas concepções já tão fortes e tão elevadas.

Como quer que seja, a idéa de um Deus todo poderoso, e unico, não foi possuida pelos nossos selvagens ao tempo da descoberta da America; e pois não era possivel que sua lingua tivesse uma palavra que a podesse expressar. Ha no entretanto um principio superior qualificado com o nome de Tupan a quem parece que attribuiam maior poder do que aos outros.

#### THEOGONIA DOS INDIOS

A theogonia dos indios assenta-se sobre esta idéa capital: todas as cousas creadas tem sua mãe. E' de

notar-se que elles não empreguem a palavra pai; esta palavra pai, não indica a origem de um homem, senão em uma sociedade em que o casamento tenha já excluido a communiidade das mulheres; e portanto não podia ser empregada por nossos selvagens em um estado tão rudimental de civilisação. O aphorismo romano: *pater est is quem justae nuptiae demonstrant*, explica claramente a razão porque um povo primitivo, quando tivesse a necessidade de exprimir a filiação, empregasse de preferencia a palavra mãe, como judiciosamente observa um escriptor.

O systema geral da theogonia tupi, parece ser este: Existem tres deuses superiores: o *Sol* que é o creador de todos os viventes; a *Lua* que é a creadora de todos os vegetaes; e *Perudá* ou *Rudá*, o deus do amor, encarregado de promover a reproducção dos seres creados. Como observarei adiante, as palavras que no tupi exprimem sol e lua, me parecem indicar o pensamento religioso que os nossos selvagens tinham para com esses astros, e que fica indicado. Cada um d'estes tres grandes seres é o creador do reino de que se trata: o sol, do reino animal; a lua, do reino vegetal; e *Perudá*, da reproducção. Cada um d'elles é servido por tantos outros deuses, quantos eram os generos admitidos pelos indios: estes por sua vez eram servidos por outros tantos seres, quantas eram as espécies que elles reconheciam: e assim por diante até que, cada lago ou rio, ou especie animal ou vegetal, tem seu genio